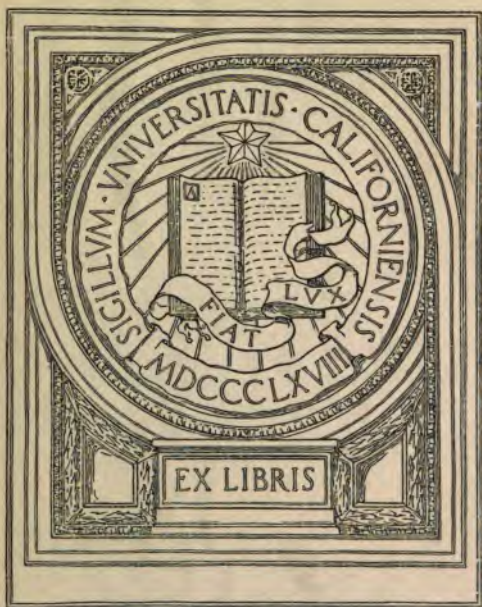
COLLECÇÃO DOS AUTORES CELEBRES
DA
LITTERATURA BRASILEIRA
MELLO MORAES FILHO
SERENATAS
E SARÁUS
LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO

SERENATAS E SARÁUS

MELLO MORAES FILHO

SERENATAS

E SARÁUS

COLLECÇÃO DE AUTOS POPULARES,
LUNDÚS, RECITATIVOS, MODINHAS, DUETOS, SERENATAS
BARCAROLAS E OUTRAS PRODUCÇÕES BRAZILEIRAS
ANTIGAS E MODERNAS

Com uma explicativa dos assumptos de cada volume

POR

MELLO MORAES FILHO

I. — TRADICIONAES

BAILES PASTORIS — REISADOS E CHEGANÇA — LUNDÚS
E MODINHAS DE CALDAS BARBOSA

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

1901

PREFACIO

Ha bons trint'annos o fallecido e benemerito editor B. L. Garnier dera á publicidade a *Cantora Brazileira*, livro destinado a reunir as canções esparsas do tempo, essas variadas producções da musa nacional, que o povo cantava com musicas proprias, e que tão deleitaveis tornaram as noites de outr'ora, dando uma feição especial ás nossas cantigas e ás nossas melodias, que já se iam desquitando dos antigos moldes.

Espraiando-se em eruditas reflexões sobre o motivo das modinhas, o illustre historiador e poeta Joaquim Norberto de Souza e Silva, que prefaciára a referida obra, confirma o seu juizo favoravel a respeito do texto, registrando citações de não menos notaveis viajantes e criticos estrangeiros, nas quaes o applauso ás *modas brazileiras* resalta de cada phrase, constituindo-se essas paginas preciosa documentação

do que haviam sido, na colonia, e no principio do seculo passado, os nossos cantares, tão expressivos e meigos, modulados aqui e na metropole.

O successo da *Cantora Brazileira* não podia deixar de ser compensador, pois esse repositorio de modinhas contou mais de uma edição, não obstante os trechos lyricos serem os mesmos, e as incorrecções avultadissimas.

Conservando, porém, o que de caracteristico, popular e escolhido existe na velha *Cantora*, mudando o titulo, recorrendo á tradição, e pondo quasi em dia esse livro, que já não corresponde ao impulso evolutivo do nosso *folklore*, o actual editor H. Garnier apresenta ao publico as *Serenatas e Saráus*, que nada mais são do que, como dissemos, uma ampliação da citada *Cantora Brazileira*, por isso que figuram em ambas as collectaneas, nem só as celebres modinhas e lundús de Caldas Barbosa, porém ainda muitissimos recitativos, modinhas el undús, que não cahiram em desuso entre nós, sendo até hoje repetidos com o antigo applauso e ouvidos a deshoras com verdadeiro prazer.

Este primeiro volume das *Serenatas e Saráus* divide-se em trez partes : na primeira, encontram-se os bailes pastoris ; na segunda, reisados e chegança ; e na terceira, as pro-

ducções de Lereno, isto é, do famoso mestiço Caldas Barbosa. O presente volume, por conseguinte, é exclusivamente consagrado a cantares tradicionaes, producto quasi inteiro, ao menos nas duas primeiras partes, da musa popular e anonyma.

Como já referimos no correr de nossas obras sobre assumptos do *folk-lore* patrio, os bailes pastoris nos vieram da metropole, e são ainda no presente cantados, dansados e representados, notadamente na Bahia, onde poetas nossos opulentaram o valioso cabedal lyrico com innumeros outros bailes, respeitando o fundo tradicional, e intercalando novos personagens. As musicas, n'essa provincia, foram especialmente escriptas por grandes mestres que associavam-se aos poetas, produzindo uns e outros magnificos *Autos*, em que as melodias predominavam, embalando religiosa e profanamente os delicados poemas commemorativos das alviçareiras festas do Natal.

No periodo colonial, os bailes, ao que parece, pertenciam á poesia verdadeiramente culta, pois em muitos d'elles percebe-se calido o sopro de viva inspiração alentando certo capricho de fórma, visivelmente alterada na tradição oral. Os trechos musicaes, entretanto, são na generalidade bellos, distinguindo-se em cada um harmonias caracteristicas de musica sacra de

mistura com rhythmos populares, portuguezes e hespanhoes.

Fazendo lembrar a poesia dos trovadores da edade média, recordando seus similares da musa provençal, os antigos bailes pastoris subordinam-se á classificação de *Mysterios*, representados nas praças e nos claustros pelos *Irmãos da Paixão*, e que assignalaram as primitivas datas do theatro.

E com *Autos* ou *Mysterios*, os menestreis e trovadores andantes celebravam os folientos Nataes, indo levar a Jesus nascido, nos presepes das lapinhas, as suas homenagens espontaneas, seus ardentes louvores, manifestados pela poesia e pelas dansas, acompanhados ao tom de harpas, citharas, flautas, rabecas e demais instrumentos.

Aos trovadores portuguezes, por certo, que, como aos allemães, aos hespanhoes, aos francezes, deve a poesia européa esse genero de composições poeticas, cabe esta modalidade deveras distincta do nosso *folk-lore*, significando tal feição, de par com as xacaras, rondós e romanças, o que de legitimo e acentuado nos ficou da poesia puramente bardica dos tempos coloniaes.

As principaes linhas d'esses *Autos*, os grandes traços d'esses poemas dramaticos aos portuguezes pertencem, como sensivelmente demons-

tram o baile dos *Marujos*, o dos *Mouros*, o de *Elmano*, o do *Meirinho*, etc., onde os personagens e themas são da intimidade lusa.

No Brazil, entretanto, muitissimos foram os vates que continuaram a cultivar o genero poetico, numerosos foram os musicos que se inspiraram nos nativos trovares, particularmente na Bahia, antiga metropole brazileira, e que no todo assimilava costumes e tradições directamente importados de além-mar.

É pelo Natal ainda que os bailes pastoris são exhibidos na velha cidade, tornando sonoras e alegres vistosas e humildes salas, onde a tradição, acatada pelo povo, reverencia os presepes, em frente dos quaes, com rudimentares scenarios, desempenham-se os bailes, cujos interlocutores são, de preferencia, meninos e meninas, caracteristicamente vestidos, habilmente ensaiados, — aos accordes de plangentes violões e violas, á revôada harmoniosa de castanholas e de pandeiros, á melodia de flautas, e varios instrumentos, que saturam os ares e as noites de sons que passam, de tôadas brandas e prolongadas.

N'esses saráus, a familia sente-se a confôrto e ditosa, e a fé e a esperança transparecem dos semblantes serenos, e dos risos que borbulham.

No interior, não só daquella provincia, porém

de quasi todo o norte, os reisados substituem os bailes, sendo aquelles como que uma continuação d'estes, porém a acção — n'estes ultimos — gyra interia em tôrno de uma figura, ou de um personagem, que dá o nome ao reisado; são assim : o *Zé do Valle*, o *Bumba-meu-boi*, o *Seu Antonio Geraldo*, a *Caiporinha*, o *Mestre Domingos*, e duas duzias d'outros, que constituem representações propriamente nossas, entremeiadas de córos, de sólos, de fandangos, de sapateados, e de varias fórmas mestiças, predominando absoluta a figura capital, muitas vezes a personificação de alguma celebridade local, como o *Zé do Valle*, famigerado facinora dos sertões piauhyenses.

Em bailes e reisados consistindo os saráus do Natal nas moradias da bôa burguezia e nas casas pobres das populações nortistas, esses folguedos extremam-se até certo ponto de diversos outros, cuja movimentação exige espaço amplo, tendo por theatro as praças das matrizes, os descampados, as ruas. Taes são as apparatosas cheganças que, á semelhança dos ranchos de Reis com a competente *burrinha*, precisam do ar nocturno para avivar-lhes os fogos dos archotes ou dos fogaréos, quando, em tradicionaes serenatas, descantam ao acaso, ou estacionam em frente ás portas que se lhes

teem de abrir, ou — em grupos de marujos, de christãos ou de mouros, os foliões, com propriedade fantasiados, conduzem navios, velames e armas de guerra para as burlescas scenas de abordagem, para as exhibições ao vivo da *náo Catharineta*, tirada por marujos, tendo á frente o commandante e o gageiro, que dialogam mais tarde em sentida melopéa o episodio da náo *vinte e um annos perdida* nas ondas verdes do mar.

Producto hybrido da poesia lusa, as cheganças, que congraçam as trez raças, não resguardam apenas a tradição medieval das lutas entre christãos e sarracenos, porém abrigam ainda elementos visivelmente nossos, resultando d'ahi o encanto da differenciação como objecto de estudo, como producto evolutivo.

O eminente historiador litterario e critico Sylvio Roméro, incomparavel mestre de toda a sciencia do nosso *folk-lore*, colligindo em seus *Cantos populares* a chegança dos *Marujos*, esclarece antecipadamente o motivo no seu livro especial consagrado á critica d'essa natureza de *Autos*, dando-nos a conhecer, não só a indole d'esse genero de composições, mas ainda a physionomia dos factores que n'ellas teem collaborado.

Tão estranhas bambochatas, assim adaptadas ao nosso meio festivo e campesino, annual-

mente se executam nas provincias do norte, com variantes acentuadas, com manobras mais complicadas, com entrecho e musicas que, pouco a pouco, as distanciam de suas nascentes, sem comtudo trahil-as nas fórmas irreductiveis. E a chegança dos *Marujos* e a chegança dos *Mouros* confirmam as nossas ponderações, não obstante já desfiguradas em sua esthetica geral.

Não comportando este livro demorado estudo sobre cada uma de suas partes, o que fica dito bastará para dar uma idéa, embora pallida, dos reisados e cheganças, restando-nos as modinhas e lundús de Caldas Barbosa, na terceira divisão do volume, a respeito de quem e das quaes rapidas considerações somos levados a produzir.

Do que é completamente popular e anonymo ás graciosas canções do lyrista fluminense, a transição é facil e natural. Significam ellas a consagração da modinha brazileira na metropole, e no Brazil, nos primeiros decennios do seculo que findou.

Domingos Caldas Barbosa, o valido de José de Vasconcellos e Sousa, mais tarde conde de Pombeiro, era um mestiço filho de escrava negra de Angola, e, segundo a melhor versão, vira a luz da vida no Rio de Janeiro.

Em luta com o preconceito de côr e de raça, conseguiu a custo seu pae fazel-o educar-se no

collegio dos Jesuitas, onde o repudiado mulato desenvolvera brilhantes aptidões poeticas, que opportunamente o incompatibilisaram com o ambiente social, visto como o seu odio de origem transparecia vehemente atravez das satyras que compunha e propagava.

Movido pelas desaffeições que dia a dia accumulava, o capitão-general Gomes Freire de Andrade, para punil-o, ordenou que lhe sentassem praça, seguindo o desfavorecido poeta — como soldado — em um regimento para a Colonia do Sacramento, onde permaneceu até a occupação d'esta pelos hespanhoes, em 1762. De volta, obtendo baixa, seu desolado progenitor enviou-o para Portugal, sendo ahi collocado, por influencia do conde de Pombeiro, que lhe estimava o talento e a poesia, na *Casa da Supplicação*.

Distinguido por Bocage, Curvo Semedo e José Agostinho de Macedo, Caldas Barbosa, que já havia conquistado merecida fama, fôra proclamado membro da Arcadia de Roma, sob o nome de *Lereno Selinuntino* com o qual assignára suas *Cantigas*.

E no reino, o mulato brazileiro expandia em abundante lyrismo, e repinicados de viola, os seus doces trovares, tornando-se nos aristocraticos saráus de Lisbôa, e de seus pittorescos arrabaldes, a individualisação mais authentica

SERENATAS E SARÁUS

BAILE DA TENTAÇÃO

PERSONAGENS

SATANAZ.
ANJO.
A CIGANA.
A PASTORA.
A SEGADORA.
O PASTOR JOVINO.
O CAPINEIRO.

(O presepe acha-se enscenado para a representação d'este baile e figura um bosque.)

CÔRO.

Cantemos, anjos, cantemos
Ao sublime nascimento ;
Ao Deus Menino saudemos,
Do céo immenso portento.
Cantemos p'ra nossa gloria
A' Maria Immaculada,
Nesse dia de victoria
Por Deus a si consagrada.
Ao caro e casto esposo
Vamos com gosto saudar,

Ao prazer e immenso gozo
Que a todos nos veio dar.

CIGANA, *entra e canta.*

Minhas bonitas fazendas
Para servir o freguez ;
Tenho seda, chita e rendas
E bello fio escossez.
Meu negocio
Venho fazer,
Minhas fazendas
Venho vender.

(*Declama.*)

Andando por estas ruas,
A fazenda a apregoar,
O meu negocio não faço,
Pois ninguem me quer chamar.
Não só eu vendo fazendas,
Pois pelos traços da mão
Eu sei ler a buena dicha,
Com a maior exactidão.

SATANAZ, *entra com uma capa que lhe encobre a roupa, e declama.*

Quero ver tua sciencia,
Quero ver o teu poder ;
Ahi tens a minha mão,
Podes as linhas lhe ler.

CIGANA, *idem.*

Com todo gosto, senhor,
Queira estender sua mão ;

Pois quero pelos seus traços
Tirar certa a conclusão.

SATANAZ, *estende a direita.*

Aqui tem, que mais deseja?

CIGANA, *declama.*

A direita, não, meu senhor!
A esquerda é que lhe peço,
Pois é a que tem valor!...

SATANAZ, *estende a mão esquerda.*

Será com segurança,
Não me queira illudir;
Pois se da mentira uzar,
De mim não póde fugir.

CIGANA, *vendo a mão.*

Pelos traços qu'ella tem,
Não posso bem divulgar;
Porém, por certo signal
Não me podeis enganar,
Que sois alguem disfarçado
Para aqui me vir tentar.

SATANAZ, *rindo-se.*

Ah ah! ah! graça tem
Vosso modo de fallar,
Se não fôra eu cavalleiro
Devia já castigar,
Porque uma tal ouzadia
Nunca ouvi pronunciar.

CIGANA, *declama.*

Perdão, por Deus, meu Senhor,
Não era minha tenção
Insultar vossa pessoa,
Vos digo de coração.

SATANAZ.

Pois bem, deixemos de partes,
Vou a questão abordar ;
Eu amo apezar de que,
Eu não poderei amar.

E vós com tanto saber
Que cultivais a sciencia,
Ides-me ouvir com attenção
E com toda a paciencia.

Amo uma bella pastora
Que a mim não tem amor,
E só vós me podereis
Prestar assim um favor.

CIGANA.

Que favor, meu cavalleiro,
Poderei eu lhe prestar?
Eu só com minhas fazendas
E' que sei negociar.

SATANAZ.

Fazer-lhe ver com cuidado
Que existe um cavalleiro,

Que procura possuil-a
E dar-lhe muito dinheiro.

Esta pastora ama alguem,
Que tu me descubrirás ;
Prometto, se conseguires,
Tua fortuna farás.

CIGANA.

Minha fortuna, dizeis!...
Mais isto é sonho, illusão,
Lembrar-se desta Cigana
P'ra salvar seu coração,
Da chamma que amor atiça
Em qualquer occasião!...

SATANAZ.

Se acceitas minha proposta,
Dizei já e sem tardar ;
E em paga, adiantada,
Queira esta bolsa levar...

CIGANA.

Podeis de mim já dispôr,
Estou prompta a obedecer ;
E a pastora, prometto,
A vossos pés se render.

SATANAZ.

Preciso que me garantas
Tua palavra cumprir.

CIGANA.

Eu sou sincera, senhor,
A ella não heide fugir .

SATANAZ.

Pois bem, eu fico esperando
Que cumpras o teu dever ;
Quero a pastora possuir
Inda contra seu querer.

CIGANA.

Ella para aqui se dirige.

SATANAZ.

E eu d'aqui me retiro.

CIGANA.

Podeis ir bem descançado,
Pois a ella já me atiro.

SATANAZ.

Que sejas feliz desejo,
Saberei recompensar-te.

CIGANA.

Em breve tu a terás,
Este prazer heide dar-te.

(*Satanaz sahe.*)

Pastora altiva, eu espero
Tua felicidade fazer,

Pois um bello cavalleiro
Por esposo has de ter.

(*Sahe.*)

PASTORA, *entra e canta.*

O meu gado pastorando,
Desde que amanhece o dia,
Vivo alegre e contente,
Com a graça de Maria.

E assim ando,
Sem me cansar,
Com o meu rebanho
Para pastar.

(*Falla.*)

Antes de vir p'ra este sitio
Com meu rebanho a pastar,
Um cavalleiro avistei
Que não pertence ao logar!

Vinha embuçado em uma capa
Que até o rosto cobria,
Passou por mim e salvou-me
Dando suave — bom dia.

Eu fiquei de pé atraz,
E responder não ousei;
Na posição em que estava
Na mesma me conservei.

Pois a um desconhecido
Eu não devia salvar,

Podia ser um malvado
Que me viesse tentar.

CIGANA, *entra e canta.*

Minhas bonitas fazendas,
Para servir ao freguez;
Tenho seda, chita e rendas
E bello fio escossez.

Meu negocio
Venho fazer,
Minhas fazendas
Venho vender.

(Falla.)

Deus vos salve, pastorinha,
Com vosso gado a pastar;

PASTORA.

E a vós tambem, amiguinha,
Com a fazenda a mercar.

CIGANA.

Diga-me, linda menina,
Não quer vossa sorte saber?...
Pois não só fazendas vendo
Como a buena dicha sei ler...

PASTORA.

Então, cultivais a sciencia
De ler nos traços da mão?...

CIGANA.

Sei até mais, advinho
Amores do coração.

PASTORA.

Amores!... Isto não creio,
Descobril-os bem quizera;
Porém a tua sciencia,
Não irá tão longe, espero.

CIGANA.

Dê-me então a sua mão,
E verá como sei ler.

PASTORA.

Ahi tem, vamos a isto,
Quero ver vosso saber!...

(*Estende a mão, e a Cigana, depois de algum tempo:*)

CIGANA, *declama.*

Pelos traços qu'ella tem
Eu direi com mui razão
Que a bella pastorinha
Ama alguem de coração.

PASTORA.

(*A parte.*)

Ella o que diz é verdade,
Porém deixemos pensar;

(*Alto.*)

E acaso saberá a quem
Meu coração póde amar?...

CIGANA.

Direi sim, já que quer
Este segredo saber;
Lhe peço que não se zangue
D'aquillo que vou dizer.

PASTORA.

Zangar-me!... não tenha susto!...
Fico até bem satisfeita,
Em saber que ha no mundo
Uma sciencia perfeita.

CIGANA.

A menina tem amores,
Por Jovino, o pastor;
E elle, por sua vez,
A si não lhe é traidor.

Porém existe um cavalleiro
Que faria a felicidade,
Se a menina lhe amasse
Com sincero amor, sem maldade.

Tem fortuna, é ricaço,
Ama-a com muito ardor;
O seu desejo é um só:
Possuil-a por amor.

PASTORA.

Ter visto pessôa assim,
Não atino, é singular!...
E como, sem conhecer-me,
Me poderá elle amar?

CIGANA, *continuando.*

Pois então, menina, alguem
Que cultivou o amor,
Precisa ver a pessoa
Para amal-a com ardor?...
Eu até lhe felicito
Por tão bonita união,
D'um cavalleiro ricaço
Desejar-lhe dar a mão.

PASTORA.

Mais eu não o conheço,
E não posso atinar
Tel-o visto uma só vez,
Nem sómente pelo olhar.

CIGANA, *lendo na mão.*

Pelos traços, eu divulgo
Tel-o a menina já visto.

PASTORA.

Será o homem da capa!...
Ah! espera! Sim, é isto!

Pois nem o rosto lhe vi,
Elle ia todo embuçado;
E como póde um homem assim
Julgar-se já ser amado?

Demais, não amo ao dinheiro,
Por Jovino tenho amor;
Elle ama-me igualmente
Com sinceridade e calor.

Por isso seja quem fôr
Que me venha declarar,
Eu recuso seu amor,
Só quero Jovino amar.

CIGANA.

Perdão, eu só estou lendo
Os traços de sua mão;
Não tenho nisso interesse,
Nem entro em discussão.

Só digo é que a menina
Muito rica deve ser,
P'ra rejeitar um cavalleiro
Que a fortuna vem trazer.

Eu quando na sua idade,
Lhe juro não rejeitar;
Por simples pastor do monte,
Cavalleiro singular!...

Porém, sou velha, não presto,
Pois que a mim já ninguem ama,
Ninguem quer velhas amar.

PASTORA.

Nem mesmo em sua presença
Eu não me decidiria,
Trocal-o por meu Jovino
Nunca disso cuidaria.

Por ter dinheiro sómente
Jovino possúe tambem ;
Não será todo em moeda,
Mas pelo gado que tem.

CIGANA.

Pois bem, menina, eu me vou,
Não posso aqui ficar ;
Vou meu negocio fazer ;
Vou as fazendas mercar.

Pense bem no que lhe disse,
Não venha a se arrepender ;
Não quero ser eu a causa,
Depois, de vosso soffrer.

SAHE, *cantando.*

Minhas bonitas fazendas,
Para servir o freguez ;
etc., etc.

PASTORA.

Acreditar no que dizem
As palavras da cigana,
Não posso... não devo não...
Pois ella tambem se engana.

Mas que vejo! Um cavalleiro
Para aqui se dirigindo!...
Tratemos de lhe escapar,
Tratemos de ir fugindo.

(*Quando vae a sahir, Satanaz embarga-lhe os passos.*)

SATANAZ.

Desculpae minha ouzadia
De vosso passo impedir;
Porém desejo fallar-lhe...

PASTORA.

Alguma cousa pedir?

SATANAZ.

Sim! um pedido a fazer,
A vós, belleza sem pár;
Para o meu amor a nascer
Eu venho agora implorar.

PASTORA.

Meu senhor! não o conheço,
E não posso lhe responder;
E meu gado está pastando,
Tenho medo de o perder.

SATANAZ.

Descance, que elle está
Na campina reunido;
Alguem se incumbio delle,
Que anda de amores rendido.

PASTORA.

(*A parte.*)

Oh! meu Deus! que tentação!

SATANAZ.

Dizei-me, bella pastora,
Que resposta deve ter
Quem tanto já vos adora?

PASTORA.

Sinto muito, meu senhor,
Mais não lhe posso attender;
Tenho meu gado no monte,
E não tarda a anoitecer.

SATANAZ.

Tudo dou, bella pastora,
Para ter o teu amor;
Ouro, sedas, pedrarias,
Que aos teus pés quero depôr.

PASTORA.

Tudo vos agradeço,
Porém outro me ama;
Por quem eu dou a vida,
E o meu peito se inflamma.

Eil-o, que chega, contente,
Pelo campo a procurar
A sua bella pastora,
Como me usa chamar.

SATANAZ.

Dae-me só uma esperança,
E já me fareis ditoso.

PASTORA.

Retire-se, por favor
Não queira roubar-me o gozo.

SATANAZ.

Pois bem, eu me retiro,
Porém cautela, Pastora,
Que o vosso gozo não seja
Cousa pouco duradoura :
Eu vou-me sem esperança
Supportar a vida agora.

(*Sahe.*)

PASTORA.

Que diria o meu Jovino,
Se esta conversa escutasse?

(*Entra Jovino.*)

JOVINO.

Estás aqui bella pastora!...
Julgara que não te achasse.

Corri por montes e valles
Só para te procurar ;
Só depois de bem cançado,
Finalmente vim te achar.

PASTORA.

Com o meu gado em descanço,
Gozar a sombra aqui vim.

JOVINO.

E não tens medo do bosque,
Sem estares ao pé de mim?...

PASTORA.

Medo! e porque, meu Jovino,
Acaso eu tenho inimigos?

JOVINO.

Não é isso, é que ás vezes,
Nem todos nos são amigos.

PASTORA.

Não encontrastes a Cigana
Com fazendas a mercar?

JOVINO.

Eu vim pelo lado opposto,
Não a podia encontrar.

PASTORA.

Pois aqui esteve, e me leu
Os traços da minha mão.

JOVINO.

E o que encontrou de novo,
Na sua leitura então?

PASTORA.

Primeiro teu nome disse,
E que te amava tambem ;
Enfim outro cavalleiro
Fallou-me, ouvi mui bem.

Que tinha muita riqueza,
E por mim elle tinha amor ;
Apenas eu te confesso,
Não conheço tal senhor.

Depois que elle sahio,
Ia tambem a sahir ;
Embargou-me elle a passagem,
E tive aqui de o ouvir .

Disse mil galanterias,
Que por mim sentia amor ;
Que presentes me daria
E muitas joias de valor.

A tudo fui insensivel,
No laço eu não cahi ;
Quando, por minha ventura,
Sinto teus passos alli.

Elle sahe precipitado,
Sem dar-se a conhecer,
Fallando em crúa vingança
Que breve vem exercer.

JOVINO.

Não temo, eu desafio-o,
Não se póde em mim vingar ;
Quem cavalleiro se julga,
Póde o perigo affrontar.

PASTORA.

Pois temo por ti, Jovino,
Sua cruel ameaça.

JOVINO.

Não julgues que tem pavor
Quem com Deus sempre se abraça.

ANJO, *entra.*

Cuidado, Jovino, tua vida
Por Satanaz está ameaçada,
Elle veio aqui para tentar
A tua Pastora tão amada.

Porém eu por ti velo noite e dia,
E conta sempre com minha protecção,
Satanaz em mim tem o inimigo
Que não póde approvar sua traição.

Socega pois, Jovino, tua amada
Só a ti promette pertencer ;
Por mais que Satanaz venha tental-a,
Eu farei o seu erro conhecer.

JOVINO.

Visão, ou sonho, que fallas,
Sem que eu te possa ver!?...
Acceito, em nome de Deus,
O vires me proteger.

ANJO.

E quando o perigo te procure,
Ou de Satanaz a sua tentação,
Basta só pronunciares o meu nome
E terás immediata protecção.

JOVINO.

Vosso nome eu não conheço,
Como vós poderei chamar?
Dizei-me já, por favor,
Para quando precisar.

ANJO.

Gabriel é meu nome, no Empirio,
De Deus sou submisso servidor;
Combato pela virtude e pela crença,
Protejo sem escrupulo sincero amor.

(*Sahe.*)

JOVINO.

Agóra, meu cavalleiro,
Que conquistaes a Pastora,
Podeis vir, eu não vos temo,
Com vossa voz tentadora.

(*Satanaz dá uma gargalhada dentro.*)

PASTORA.

Não invoqueis Satanaz
Para vingança exercer;
Pois que sua tyrannia
Poderá aqui trazer.

CIGANA, *entra.*

(*Canta.*)

Minhas bonitas fazendas,
Para servir o freguez;
etc., etc.

(*Falla.*)

Ainda por cá, pastora?...
Não ides ver vosso gado?
Já na campnia não anda,
Elle está todo espalhado.

E se não me engana a memoria,
Dous carneiros vi morrer
Alli perto da esplanada,
Quando vinha eu aqui ter.

Por isso, para este sitio,
Eu quiz depressa chegar,
Para dar-vos esta nova,
Não p'ra vos atormentar.

Vosso pastor que aqui está,
E' que lá já deve ir

O mais depressa possivel,
Para o gado reunir .

JOVINO.

Dizes bem, nobre cigana,
Vou d'aqui já a correr,
Reunil-o na campina,
E todo junto trazer.
(*Sahe.*)

CIGANA.

Então, pastora, é verdade
O que aqui eu vos disse,
Que cavalleiro ricaço
A vossa mão vos pedisse?...

PASTORA.

E' verdade, sim, é facto,
Com effeito me pedio ;
Porém eu não aceitei
E elle d'aqui fugio.

CIGANA.

Máo agouro, minha bella ,
Pois que elle é vingador ;
E a sua vontade extrema
Aqui até vos póde impôr.

E depois, sendo tão rico,
Vossa fortuna fará ;
Ricas joias, bellas vestes,
Tudo isso vos dará.

Em vez de viver no campo,
Gosará lá na cidade
Bellas festas e regalos,
Proprios da sua idade.

PASTORA.

Em ouvir vosso fallar
Me mostraes interessada,
Que com o tal cavalleiro
Me veja tão bem casada.

CIGANA.

Interesse não possuo,
Só procuro o vosso bem ;
Que com vossa felicidade
Eu serei feliz tambem.

O cavalleiro aqui chega,
Traz o semblante amuado,
Vem buscar vossa resposta
Em termos de apaixonado.

PASTORA.

Vou tratando de fugir.

(*Vae a sahir e Satanaz embarga-lhe a passagem.*)

SATANAZ.

D'aqui não sahirás,
Has de ser minha por força,
De mim já não fugirás.

Como julgas que se zombe,
De meu immenso poder?
Não sabes que tudo tenho,
Basta sómente querer?

PASTORA, *fugindo-lhe.*

Deixae-me, senhor, por Deus!...
Não approveitae a fraqueza
De uma debil pastorinha,
Que seu amor tem firmeza.

SATANAZ.

E's minha, embora por força...
Eu te heide convencer;
Ninguem eu temo no mundo,
Que me possa escarnecer.

PASTORA.

Soccorro, meu Deus, soccorro!
Vem, Jovino, soccorrer
A tua bella pastora,
Que de susto vae morrer.

(Cahe desmaiada nos braços da Cigana, Satanaz corre a agarral-a com o fim de fugir, entra Jovino com um punhal e dirige-se para Satanaz.)

JOVINO.

P'ra traz, senhor, não queiraes
Assassino me fazer;
Se ousaes tocar-lhe no corpo,
Aqui vos farei morrer.

SATANAZ, *rindo-se.*

Insensato que julgaes
Que temo do teu punhal;
De certo não me conheces,
Pretencioso rival.

(*Atira a capa para longe.*)

Então vê se me conheces,
E vem com o teu punhal
Imbeber neste meu peito,
Que não ficará signal.

JOVINO.

Se resiste a esta arma,
Com outra heide eu lutar.

(*Mostra o cabo do punhal.*)

Resiste agora, se queres,
E vem-me a noiva roubar!

(*Satanaz contorce-se, dirigindo-se para a Pastora em quem vae pondo a mão.*)

A mim, Gabriel, salvae-me,
Mandae vossa protecção,
Que Satanaz tão maldoso
Quer ferir meu coração.

ANJO, *entra.*

Para traz, tyranno,
Para traz, maldito;

Deixa a pastora,
Pelo Deus Bemdito.

SATANAZ.

Gabriel, anjo malvado,
Que me rouba a inspiração ;
Hei de vingar-me de ti,
Para ti só maldição.

GABRIEL.

Não sejas tão petulante,
Olha o symbolo de Deus!...

(*Apresenta-lhe a cruz.*)

Desafio-te e não temo,
Com este emblema dos céos.

(*Satanaz contorce-se.*)

SEGADORA E CAPINEIRO.

(*Entram.*)

Mas que quadro, Santo Deus,
No meio de tanta luz!...
Logo hoje que é nascido,
O lindo e caro Jesus.

Nós viemos a Belém,
Sómente para o adorar ;
E nossos mesquinhos presentes
Viemos lhe offertar.

(*Abre-se a cortina e apparece o presepe illuminado. Satanaz cahe no chão, levanta-se,*

recuando até a sahida ; o Anjo o acompanha com a cruz em punho, até desapparecerem. A Pastora recobra os sentidos.)

JOVINO.

Uma noticia tão bella
Alegria vem causar,
Pois já rutilante estrella
No céo começa a brilhar.

PASTORA.

Que horrivel pesadello,
Porque eu acabo de passar!
Um tyranno aqui veio
Para meu amor roubar.

JOVINO.

Já perigo não existe
A Satanaz eu venci,
Pois ao Anjo Gabriel
Em seu poder recorri.

Agora vamos com gosto
Ao nascimento assistir,
Do lindo e bello Jesus
O grande dia applaudir.

TODOS, *cantam.*

Louvores a Deus cantemos
Em bello hymno de gloria,

E a Virgem pura exaltemos
Por esta grande victoria.

LÔA DA PASTORA E JOVINO.

A este Deus soberano,
Ao nosso bello Jesus,
Imploramos sua graça
Tão refulgente de luz.
Louvores, etc.

(*Todos repetem.*)

CAPINEIRO E SEGADORA.

Unidos em doce amplexo,
Ante vossa Divindade,
Imploram tambem a graça
E vossa liberalidade.
Louvores, etc.

(*Todos repetem.*)

CIGANA.

Queira meu Jesus nascido
Meus peccados perdoar,
A cigana de joelhos
Vem vossa graça implorar.
Louvores, etc.

(*Todos repetem.*)

(*Formam o baile, cantando as seguintes quadras.*)

Com grande alegria,
Com muito prazer,

Os hymnos cantemos
Ao bello nascer.

Com grande alegria
Vamos nós marchar,
E a graça Divina
Vamos exaltar.

Com grande alegria,
Ao sacro José,
Saudemos felizes
Com bastante fé.

Com grande alegria
E em adoração,
Nós nos retiramos
Em boa união.

BAILE DE QUATRO PASTORAS E UM VELHO

SAHEM DUAS PASTORAS, *cantando:*

Vamos, serranas, alegres,
Vamos, pastoras, contentes
Adorar o Deus Menino,
Supremo Senhor das gentes.

VOLTA.

Não fiquem n'aldêa
Jámais os Pastores,
Venham ver nascido
O Senhor dos Senhores.

FALLA A 1.ª PASTORA.

Que vejo, céos soberanos,
Que signaes maravilhosos!
O sol, antes já de tempo,
Com raios tão luminosos!

Melodia harmoniosa
Escutam nossos ouvidos,
Assim como dos cordeiros
Pelos curraes os balidos.

2.ª PASTORA.

Das casas todas abertas
Estão as portas, e os pastores
Todos elles transportados
Dão applausos e louvores.

SAHE O VELHO *e falla.*

Minhas lindas pastorinhas,
Tão galantes, tão sisudas,
A estas horas, sósinhas,
Ora são muito peitudas.

Não temem ferozes dentes
Destes lobos carniceiros,
Que offendam seus corpinhos
Como offendem aos carneiros.

1.ª PASTORA.

Esses mais do que as ovelhas
Mansos observareis,
Nem inda desafiados
Seus dentes não temereis.

VELHO.

Eu, pastora, caio n'essa,
Vou, lobos desanar,

Animaes que são capazes
De todo o mundo assolar?

Uns lobos tão desastrados
Que devoram as ovelhas,
São capazes de roer-me
De deos pés até ás orelhas.

Antes uma ovelhasinha
Entre os meus braços cahida,
Em logar dos vossos lobos
Me dê mimosa investida.

2.ª PASTORA.

Que investida póde dar-vos
Uma innocente ovelhinha?

VELHO.

Que seja assim como a vossa,
Minha linda pastorinha.

SAHEM DUAS PASTORAS, *cantando*:

Maninhas, vamos gostosas
Ver o nosso Summo Bem,
Que nasceu em um Presepe
Na Lapinha de Belém.

VOLTA.

Vamos a Belém
Com grande contento,
Louvarmos alegres
Este Nascimento.

VELHO.

Quereis que vos acompanhe,
Por ser cá do meu agrado,
Eu me offereço rendido
Para ser vosso criado :

Eu tenho lá no meu sitio
Muita cousinha galante,
Para vos offerecer
Se me acceitaes como amante.

FALLAM AS DUAS PASTORAS.

Obrigado, senhor Velho,
Não seja tão cuidadoso,
Antes vamos adorar
O Sol Divino e mimoso.

VELHO.

Agora estou indeciso
Sobre a escolha das Pastoras :

A primeira é bem formosa,
A segunda um diamante,
Ainda mais lindazinha
Que meu extremo constante.

Senhoras, pasmado estou
Em ver como a natureza
Se empenhou em vos fazer
Tão cheias de tal belleza!

E não trazeis um figão
Feito de algum chifrinho,
D'este que vem apontando
Na testa de carneirinho?

TODAS AS PASTORAS.

Para que trazer figão?

VELHO.

Para preservar do quebranto
Tão forte e arrenegado,
Que em vós causar puder
Os olhos de um namorado.

TODAS.

Não é melhor, senhor Velho,
Você nas contas pegar?
Não queira se fazer bôbo,
Deixe-se de namorar.

VELHO.

Quem fallou, pois, n'isto agora?
Eu ainda sou chulento,
E quando vejo cousas boas
Fico logo ciumento.

Vocês vão para Belém,
Eu tambem quero seguir,
Fazendo meus riscosinhos
Para as cadeiras bulir.

TODAS.

Com summo gosto e prazer
Vamos já para Belém,
Adorar o Deus Menino
Que é todo nosso Bem.

CANTAM A MARCHA.

Vamos todos mui contentes
A Jesus, firme, adorar,
Pois nasceu em um presepe
Para a todos nos salvar.

LÔA DO VELHO.

Nada tenho que pedir-vos
Senão uma só cousinha,
Que é carne do sertão,
Rapadura com farinha.

LÔA DA 1.ª E 2.ª PASTORAS.

Rei Supremo e Creador,
Deus de immensa ternura,
Acceitae nossos louvores
Jesus, para nós, ventura.

LÔA DA 3.ª E 4.ª PASTORAS.

Com amor firme e constante,
Estas Pastoras vos vem
Adorar, pois que nascentes
Na Lapinha de Belém.

CANTA O VELHO.

Pastoras amantes,
Com fervor rendido,
Prestae vosso amor
A Jesus nascido.

(Repetem todos o mesmo.)

Seu berço enfeitemos
Com brandas florinhas;
Cantemos, dansemos,
Lindas pastorinhas.

(Repetem todos o mesmo.)

Cantemos, dansemos,
Com grata folia,
Adoremos Jesus,
E a Virgem Maria.

(Repetem todos o mesmo.)

BAILE DO CAÇADOR

SAHE O CAÇADOR *e canta:*

Girando com todo empenho,
Ando n'esta serra escura;
Quanto mais eu sou infeliz,
Mais a vontade me apura.

CANTA BAILANDO.

Porém, não importa,
Qu'eu não mate caça;
Como me divirto,
Nada me embaraça.

FALLA.

E' melhor divertimento
Andar no matto caçando,
Do que estar mettido em casa
Em varias cousas cuidando.

Inda que um homem não mate,
Sempre acho que comer,

O mesmo que n'este instante
Sem esperar vim a ter.

Eu que andava caçando
Com pouca felicidade,
Pois que nem uma só perdiz
Pude matar na verdade.

Encontrei duas meninas
Mais felizes do que eu,
Que mataram sua caça,
Que a sorte não me deu.

Encontrando-as me pediram
Que lhes ensinasse o caminho,
Para irem á Belém
Visitar o Deus Menino.

Eu tambem para lá ia,
E por nada ter que levar,
Pedi as suas perdizes
Por premio de as ensinar.

Promptamente ellas me deram,
Mas o pago que eu lhes dei?
Safei-me mais que de pressa,
E no caminho as deixei.

Mas, ah! outras aqui chegam;
Se acaso trouxerem caça,
Sem pagarem o tributo,
Por aqui nenhuma passa.

SAHEM DUAS PASTORAS, *cantando:*

Ah! quem nos dera, maninha,
Acharmos para nosso bem
Quem nos ensine o caminho
Para irmos a Belém.

CANTAM, *bailando.*

Porém, já perdidas
Maninha, estamos;
E nem quem nos guie
Não encontramos.

FALLA O CAÇADOR.

Não encontram, essa é bôa!
Pois eu não estou aqui,
Que já fiz conta em guiar-vos
Assim que de longe as vi?
« Me digam, para onde vão? »

1.ª E 2.ª PASTORAS.

Nós vamos para Belém,
Visitar o Deus Menino,
Que nasceu na terra humana,
Sendo Elle tão divino.

CAÇADOR.

Vejam que Belém é longe;
Mas se me derem a caça,
Vou bem depressa as guiar,
Pois de nada me embaraça.

1.ª PASTORA PARA A 2.ª

Que diz, maninha, demos?

2.ª PASTORA PARA A 1.ª

Elle que perca o cuidado.

CAÇADOR.

Quando vocês não queiram
Nada então temos tratado.

1.ª E 2.ª PASTORAS.

E que remedio nós temos,
Neste lance em que estamos?
Tomae, senhor, os pombinhos,
Cumpra seu intento, e vamos.

CAÇADOR.

Acceito, bem sei por que,
E digo já de uma vez,
Não quero, pois, que vocês,
Me tenham por descortez.

SAHEM A 3.ª E 4.ª PASTORAS, E FALLA A 3.ª

Cá está o caçador,
Que as perdizes nos tomou.

4.ª PASTORA.

Agora nos pagará
O damno que nos causou.

CAÇADOR.

Calem a boca, senhoras,
Não me deitem a perder.

3.ª E 4.ª PASTORAS.

Quer que cale a traição
Que comnosco quiz fazer?

1.ª E 2.ª PASTORAS PARA A 3.ª E 4.ª.

Senhoras, vós tambem ides
A' Belém como nós vamos?

3.ª E 4.ª PASTORAS.

Sim, senhoras, vamos todas
Pois que já bem perto estamos.

1.ª E 2.ª PASTORAS PARA O CAÇADOR.

Então, senhor caçador,
Restitua o que lhe demos,
Não queremos que nos ensine,
Pois o caminho sabemos.

CAÇADOR.

Esta agora ainda é melhor,
Já estou agoniado;
Não restituo mais nada,
O que me deram, está dado.

TODAS.

Isto era bom, largue os pombos,
Que você não matou nada;

Queria da nossa caçada...
Desta você não róe nada.

CANTAM A 1.ª E 2.ª PASTORAS.

Se você queria
Da nossa caçada,
Descance seu peito,
Você não róe nada.

CANTAM A 3.ª E 4.ª.

Se para lograr-nos
Se poz nesta estrada,
Em tão grande dia,
Você não róe nada.

PRIMEIRA E SEGUNDA.

Sua má tenção
Já se vê frustrada;
Porque dos pombinhos
Você não róe nada.

TERCEIRA E QUARTA.

Por isso fingiu-se
Nosso camarada,
Para nos lograr,
Você não róe nada.

PRIMEIRA E SEGUNDA.

Se fazer queria
Alguma tratada,
Para nos roubar,
Você não róe nada.

TERCEIRA E QUARTA.

Esta nossa caça
Já vae destinada
Para o Deus Menino;
Você não róe nada.

FALLA O CAÇADOR.

Suspendei vossos enfados,
Basta já tanto rigor;
Vejam que desta desfeita
Eu não sou merecedor:
Se a vossa caça tomei
Foi por um divertimento.

TODAS.

E tambem de nos lograr,
Você tinha grande intento.

CAÇADOR.

Ora, pois, se me deixassem,
Com gosto iria levando;
Mas, como não consentiram,
Meninas, eu estava brincando.

TODAS.

Vejam lá que tal é elle,
Este era o seu destino;
Pois saiba que a nossa caça
Vae de mimo a Deus Menino.

CAÇADOR.

Eu por saber d'isso mesmo
Não quiz frustrar vosso intento;
Pois quero applaudir com gosto
Este Santo Nascimento.

Mas como nada possúo,
Minh'alma lhe offertarei :
O meu coração amante
Com vontade lhe darei.

TODAS.

Pois então, sem mais demora,
Como é nullo o seu intento,
Vamos applaudir com gosto
Este Santo Nascimento.

CAÇADOR.

Vamos com muita alegria
Formando um baile afamado,
Que por baile das caçadoras
Ficará appellidado.

Eu primeiro cantarei,
Depois vós me acompanhando,
Iremos então contentes
Para Belém caminhando.

CANTAM A MARCHA.

Pastorinhas e pastores
Vamos todos á Belém,

Vamos vêr um Deus Menino,
Que nasceu p'ra nosso bem.

CANTA O CAÇADOR.

Demos louvores
Com todo agrado
Ao Deus Menino,
Verbo Encarnado.

CANTAM A 1.ª E 2.ª PASTORAS.

Estas rôlas e perdizes,
Acceitae, Verbo Encarnado;
Pois, para vos offertar
Já as tinha destinado.

CANTA O CAÇADOR.

Demos louvores
Com todo agrado
Ao Deus Menino,
Verbo Encarnado.

CANTAM 1.ª E 2.ª PASTORAS.

Acceitae, meu Deus Menino,
A caçada que fizemos;
Acceitae por vosso amor,
Pois, Senhor, nada mais temos.

Demos louvores
Com todo agrado
Ao Deus Menino,
Verbo Encarnado.

CANTA O CAÇADOR.

Acceitae, meu Deus Menino
Meu sincero coração;
Acceitae por vosso amor,
Minha firme adoração.

Demos louvores
Com todo agrado
Ao Deus Menino,
Verbo Encarnado.

BAILE DOS MARUJOS

CANTAM TODOS, *dentro.*

Ferra, ferra,
Vamos á cima;
Oh! que tu gageiro grande,
Oh! lá se avistas terra.

Ferra, ferra,
Vamos á cima;
Ferramos o panno,
Saltamos á terra.

SAHEM OS MARUJOS, *cantando:*

Vamos, Pastores Marujos,
Caminhando para Belém,
Vamos ver Jesus nascido,
Nosso Infante, nosso Bem.

A mesma nossa jornada
Elle nos queira ajudar,

A vender nossas fazendas,
Para termos que offertar.

Já não tenho mais dinheiro,
Nem tenho dez réis de meu;
Para beber na taverna
Ainda algum tenho eu.

Saltámos do mar á terra
Em cima de um barril:
As ondas do mar são tantas
Que nos trouxeram aqui.

Louvar vamos depressa
Ao nosso Jesus Menino;
Já que Elle nasceu
No mundo, sendo Divino.

Depressa, já sem demora
Vamos logo caminhando,
Para na nossa jornada
Irmos contentes brincando.

FALLA O 1.º MARUJO.

Ai, ai, senhor patrão,
Temos chegado á Belém:
Levo paio, e um petisco
Do bello lombo açadito,
Que partido em pedaços
Chega para este ranchito:
Hoje é noite de Natal,
Sabem ás gaitas cosidas,

Assim como os gulotões
Trazem as unhas lambidas.
Fui a uma certa funcção,
Tomei lá muita das gottas,
Deu-me a cousa em valentia,
Puxo por uma chaveca,
Entro a dar com soberbia;
Qual de baixo, qual de cima,
As lutas alli andámos;
Quando foi no outro dia,
Veio um certo valentão
Tomar despique da cousa
Com um famoso bordão,
E' bem verdade que me deu,
Que fui de ventas ao chão;
Corro para o Menino Deus,
Que me valha, que me acuda,
Acudiu-me uma velha com uma ajuda.
Sou casado ha vinte annos,
E ando da companheira
A vinte e cinco apartado,
Não lhe ponho os pés em casa,
Não lhe dou um só vintem;
Porém, ella não morre de fome,
Louvado Deus, Summo Bem;
Pois que Deus, eterno Pai,
Que nos dá o pão para a boca,
E a companheira bem o sabe,
Pois não é nenhuma louca.

2.º MARUJO.

Hoje havemos de dansar

Com contento e alegria,
Para adorarmos a Jesus,
Filho da Virgem Maria.

Portanto, meus companheiros,
Não haja aqui mais demora;
Vamos depressa louvar
A' Jesus e Nossa Senhora.

3.º MARUJO.

Este é o nosso gosto,
E por isso aqui viemos;
E já que estamos juntos
Nosso baile entoaremos.

Bailando com honestidade,
Sem haver entre nós pejo:
Por nossa livre vontade
E' o que temos desejo.

1.ª SALOIA.

E nós, manas, sem demora,
Baile vamos entoar:
Cantemos com alegria
A quem nos veio salvar.

2.ª SALOIA.

Eu por mim já prompta estou,
Para a Jesus ir louvar;
Pois meu coração só deseja
Com firmeza o adorar.

3.ª SALOIA.

Eu tambem com affeição,
A ver o Infante mimoso,
Meu coração só aspira,
A Elle-ser extremoso.

COMEÇA O BAILE.

Com muita honestidade
Vamos a Jesus louvar;
Pois hoje aqui viemos
P'ra contentes o adorar.

Pois n'esta gruta nasceu
Quem nos veio salvar;
E por isso com alegria
Baile vamos entoar.

Com muita humilhação
Rendemos aqui louvores,
Por nascer hoje no mundo
O Rei, Senhor dos senhores.

LÔA DO PATRÃO.

Meu Jesus, meu summo Bem,
Só vos peço felicidade
P'ra que nas ondas do mar
Navegue á minha vontade.

LÔA DO 1.º MARUJO.

Com contento e alegria
Vos rendo aqui mil louvores,

Para que das tempestades
Abatais os seus furores.

LÔA DA 1.ª SALOIA.

Estas bellas hortaliças
Aqui vos trago viçosas,
Para as minhas expressões
Serem a vós amorosas.

LÔA DO 2.º MARUJO.

Eu, meu Jesus Menino,
Vos louvo humildemente,
Para que com pannos cheios
Eu navegue mui contente.

LÔA DA 2.ª SALOIA.

Nada tenho que trazer-vos
Senão o meu coração,
Pois vos ama ardentemente
Com a mais viva paixão.

LÔA DO 3.º MARUJO.

Só quero com vento á pôpa
Navegar saudavelmente,
P'ra quando saltar em terra
Vir ver toda esta gente.

LÔA DA 3.ª SALOIA.

Aqui já perante Vós
Quero louvores render,
Para que na Eterna Gloria
Me digneis receber.

CANTAM TODOS, *bailando.*

Já contentes bailemos
Com toda honestidade,
Agora nos retiremos
Bem contra nossa vontade.

Cantemos, ó gentes boas,
Louvores ao Omnipotente,
Que nasceu hoje no mundo
Para salvação da gente.

BAILE DOS MOUROS

CANTAM DENTRO.

Que noite tão venturosa,
Grato prazer nos figura,
Parece que a mesma noite
Inspira leis á mais pura.

SAHE DURINDO, *cantando* :

Lá dos montes, onde vivo,
Venho com grande cuidado,
Adorar um Deus nascido,
Cordeirinho Immaculado.

VOLTA.

Todos contentes
Venham adorar,
A Jesus que nasceu
Para nos salvar. (*Vae-se.*)

SAHEM QUATRO PASTORAS *e cantam* :

Já viemos, companheiras,
Todas juntas de jornada,

Devemos descançar,
Aqui fazemos parada.

VOLTA.

Por Durindo esperemos
Todas contentes,
E faremos festejos
Mui diligentes.

(*Cantam as pastoras sentadas, tendo as cabeças inclinadas sobre os peitos.*)

Até onde estendo a vista
Não posso ver meu pastor,
Para irmos á Belém
A Jesus render louvor.

FALLA A 1.ª PASTORA.

Maninhas, nós todas quatro
Havemos aqui esperar
Até que Durindo chegue,
Para nos acompanhar.

FALLA A 2.ª PASTORA.

Sem que Durindo não chegue
Não me hei de separar;
Quero esperar por elle
Para a Jesus ir louvar.

FALLA A 3.ª PASTORA.

Emquanto Durindo chega,
Vamos um pouco cantar:
Esperemos por Durindo
Para a Jesus adorar.

FALLA A 4.ª PASTORA.

Agora que estamos juntas,
Devemos, pois, esperar;
Pois eu creio que Durindo
Não ha de muito tardar.

CANTAM TODAS.

Até onde estendo a vista
Não posso ver meu pastor,
Para irmos á Belém
A Jesus render louvor.

(Sahem quatro mouros, e cada um apodera-se de uma pastora; as vão prendendo e dizendo.)

Levantae-vos, gentis nymphas, oh! Pastoras,
Dos laços que amor e Morpheu vos tem prendido,
Pois a liberdade que tinheis té agora
Em poder de nós outros a tens perdido.

FALLAM AS PASTORAS.

Onde nos levaes, senhores,
Com tanta rigoridade?

FALLAM OS MOUROS.

A lei do Grão Rei, nosso Senhor, manda,
Que devemos mostrar nosso valor;
Pois tendo de fazer tantas emprezas
E' justo mostrar nossas proezas.

(Tomam as cestas e levam ás Pastoras.)

SAHE DURINDO, *cantando*

Lá dos montes, onde vivo,
Venho com grande cuidado
Adorar um Deus nascido,
Cordeirinho Immaculado.

Todos contentes
Venha adorar,
A Jesus, que nasceu
Para nos salvar.

FALLA DURINDO.

Onde estão minhas pastoras?
Eu aqui já não as vejo;
Acaso se esconderiam
Por algum motivo ou pêjo?

CANTAM DENTRO AS PASTORAS.

Como captivas, senhor,
Vivemos sem liberdade,
Em poder de uns tyrannos
Que deprezam a christandade.

DURINDO.

Que vozes eu ouço longe!
O canto é muito sentido:
São minhas bellas pastoras
Que estão em trabalhos mettidas.

CANTAM DENTRO AS PASTORAS.

Como captivas, senhor,
Vivemos sem liberdade,

Em poder de uns tyrannos
Que desprezam a Christandade.

DURINDO.

Que ouço, são ellas mesmas;
Deixarei montes e valles,
Correrei desesperado
Para livral-as dos males:

Por serras e despenhados
Irei já as procurar,
Para com gosto ao Menino
Irem contentes louvar. (*Vae-se.*)

DURINDO PARA AS PASTORAS, *que voltam.*

Que fazem, bellas Pastoras,
Quem aqui as conduziu?

AS PASTORAS.

Nós estavamos adormecidas,
Quando vieram os tyrannos;
Nos prenderam com correntes
Como féros, deshumanos.

SOLTA DURINDO AS PASTORAS, *e diz:*

Prometto, á fé de pastor,
De todos aqui trazer
Presos em umas correntes
Ao Menino offerecer.

Apezar da minha morte
Hei de a fé sempre exaltar,

Para irmos á Belém
E a viagem não faltar.

(Durindo vae para dentro, prende os Mouros, os traz acorrentados em marcha, pela musica, e diz para as Pastoras.)

Aqui estão, bellas Pastoras
Os piratas que roubaram
E para maior certeza
Trazem tudo que levaram.

FALLAM AS PASTORAS PARA OS MOUROS.

Dae-nos as nossas cestas
Que com gosto recebemos.

(Entregam os Mouros as cestas.)

DURINDO PARA OS MOUROS.

Ignoram que Deus Menino
E' um Deus sempre Eterno,
Homem que com sua voz
Faz tremer todo o inferno!

OS MOUROS.

Não adoro, nem pretendo,
Não é da nossa Lei,
Adoramos a Mafoma,
Que é nosso Deus e Rei.

DURINDO.

Ignoram que Deus Menino,
E' um Deus sempre Eterno,

Homem que com sua voz
Faz tremer todo o inferno!

OS MOUROS.

Já que é por adoração,
Faremos mourisca Aldêa,
E um perfeito postilhão.

(Executam os Mouros uma marcha fazendo venia ao Presepe, e depois juntam-se todos, e Durindo baila com as Pastoras, e vão-se, indo os Mouros sempre atraz.)

BAILE DA AGUARDENTE

SAHE O GUIA, *cantando:*

Que prados tão florescentes
Neste dia de prazer!
Vinde já, oh Camponezes,
A Jesus louvor render.

VOLTA.

Eu quero beber
Bebida humana,
Pois está em uso
A bella cayana.

FALLA O GUIA.

Não se deve escurecer,
Nem se deve mais negar,
Que este modo de beber
Está pela gente boa:
Bem é que a minha pessoa
Tambem entre no louvado,

Se os mais não têm gostado,
Faço o que meu gosto pede,
Nem todo aquelle que bebe,
Se póde chamar chumbado.

SAHEM DUAS PASTORAS, *cantando:*

Não se encontra uma choupana,
Para a gente conviver,
N'estes desertos não ha
Que comer, nem que beber.

VOLTA.

Se aqui encontrarmos
Alguma bebida,
Iremos contentes
Da nossa vida.

FALLA A 1.ª PASTORA PARA O GUIA.

Você com esta garrafa
N'este caminho entretido,
Deixa ver se leva dentro
Algum codório sortido.

2.ª PASTORA.

Senhor, deixe ver a prova
Desta bebida excellente;
Suado não bebo vinho,
O melhor é aguardente.

GUIA.

Não duvido de lhe dar,
Mas quero beber primeiro:

Não posso vender fiado,
Pois custou o meu dinheiro.

O GUIA *bebe e diz:*

Lá vae a prova.

1.ª PASTORA, *bebendo:*

Oh! que bebida tão santa!

2.ª PASTORA, *bebendo:*

E' gostosa a girimpana.

O GUIA, *recebe a garrafa e diz:*

E' forte a minha cayana.

SAHEM DUAS PASTORAS, *cantando:*

Nossas maninhas já foram,
Que nos serviram de guia,
Vamos ver se encontramos
Para nossa companhia.

VOLTA.

Nós agora, manas,
Vamos tão suádas,
Pois ha muitos dias
Não bebemos nada.

FALLA A 3.ª PASTORA.

Agora sim, minha mana,
Tenho a viagem vencida;
Pergunte áquelle senhor,
Se vende alguma bebida?

2.ª PASTORA.

Ora veja, minha mana,
Já lhe tenho perguntado,
Elle, pois, me respondeu,
Que nada vende fiado.

GUIA.

Olhem, moças, como bebem,
Ponderem o tempo presente,
Não bebam demasiado,
A cayana mata a gente.

(O Guia dá aguardente á 3.ª e 4.ª pastoras.)

3.ª PASTORA, *depois de beber:*

Olhe, mana, é muito boa.

4.ª PASTORA, *depois de beber:*

E' gostosa, é excellente.

GUIA.

Queira Deus n'estes caminhos
Vocês não fiquem conviventes.

CANTA O GUIA.

Esta aguardente
E' nossos peccados,
Em bebendo os homens
Ficam descarados.

(Repetem todos o mesmo.)

CANTAM AS QUATRO PASTORAS.

Quem n'esta éra
Não bebe aguardente,
Não tem bom gosto,
Não é convivente.

(Repetem todos o mesmo.)

CANTA O GUIA.

Á bella cayana
Sempre applaudida,
Para as gentes boas
E' santa bebida.

(Repetem todos o mesmo.)

CANTAM AS PASTORAS.

Quem n'esta éra
Não bebe aguardente,
Não tem bom gosto,
Não é convivente.

(Repetem todos o mesmo e ficam todos bebados.)

TODAS AS PASTORAS.

Você, senhor convivente,
Não sabemos seu destino;
Você vae para Belém
Adorar o Deus Menino!

GUIA.

Veja como estão vocês
Da cayana tão tomadas;

Vocês não vêm o presepe :
Como estão embriagadas!

TODAS AS PASTORAS.

Já que chegamos a ver
Nascido o Infante Messias,
Demos graças, e louvores
Com prazer e alegria.
A saúde deste gosto
Bebamos mais aguardente,
Para já de uma vez
Ficarmos mui conviventes.

GUIA.

Deixemos de brincadeiras,
Vocês já estão chupadas ;
Não bebam mais a cayana,
Senão ficam descaradas.

TODAS AS PASTORAS.

Está bem, vamos agora
Ao Sol Divino adorar ;
Deixemos, pois, a cayana,
Para em casa se chupar.

TODOS.

Agora sim, satisfeitos,
Com firme amor e contento,
Adoremos mui humildes
O Sagrado Nascimento.

LÔA DO GUIA.

Meu Menino, tomae conta
Deste pastorzinho chupado,
Depois que a Belém chegou
Não se lembra mais de nada.

LÔA DA 1.ª E 2.ª PASTORAS.

Meu Menino pequenino,
Eu estou muito mellada ;
Mas, com Vossa alta presença,
Não me lembro mais de nada.

LÔA DA 3.ª E 4.ª PASTORAS.

Eu não deixo de estar
Com a cabeça mui pesada,
Mas, á vista do que vejo,
Não me lembro mais de nada.

CANTA O GUIA.

Louvores, applausos,
Ao Deus Menino,
Humildes rendemos,
Que é o Sol Divino.
Lindas cantilenas,
Amor casto e fino,
Amantes rendemos
Ao Deus Menino.

BAILE DO MEIRINHO

SAHE A 1.ª PASTORA *e canta*:

As flôres mimosas
De muitos primores.

CANTA O SOLDADO.

Venha cá, menina,
Seja meus amores.

FALLA O SOLDADO.

Adorada senhora,
Eu que com balas ardentes das meus olhos,
Empregando nas trincheiras do teu peito,
Communicar desejo o que sinto n'este peito :
Mas, para em tudo ficar bem satisfeito,
Eu, que rompendo o batalhão dos teus affectos,
Marchando em columna dos teus carinhos
Desejo que agora tenhas dó de um coitadinho...

PASTORA.

Meu senhor, não é preciso
Que com uma pobre pastora

Rompa tantos embaraços,
Pois que nisso sou uma tola;
Eu só o que quero é vêr
Se por aqui querem chegar,
Alguns moços chibantinhos
Que queiram flôres comprar.

SOLDADO.

Pois, menina, são flôres
Que você está vendendo?
Olha que bello tópe!
Já comprar estou querendo.
Pois mettendo neste peito
Hei de ficar florecido:
Oh! que bello! estou bonito!
Sempre sou mui destimido.

PASTORA.

Camarada, deite as flôres onde achou,
Não vá no peito as mettendo,
Se quizer servir-se dellas,
Venha o dinheiro correndo.

SOLDADO.

Pois, menina, pretendes
De mim receber dinheiro?
Olha que deste effeito
Tenho muito de ligeiro;
Se quizer em paga disso
Alguns affectos corujos,
Algumas paixões bandalhas,
Inda bem: mas dinheiro?...

Não o tenho para lhe dar,
E se tivesse, com você ia gastar.

PASTORA.

Camarada deite as flôres
Onde vosmincê achou;
Prometto que de sua vista
De repente já me vou.

SOLDADO.

Se quizer as suas flôres
Ha de primeiro cantar
Um duetinho de amor,
Que lhe quero acompanhar.

PASTORA.

Meu senhor, não sei cantar,
Deixe-me por vida sua,
Deixe já as minhas flôres
Que eu prometto não ser sua.

SOLDADO.

Tome lá as suas flôres,
Veja que estava brincando;
Não pense que as queria,
Pois estava chalaçando.

Não precisa se enfadar,
Seja minha eternamente,
Que eu lhe prometto ser
Sempre firme e obediente.

PASTORA.

Obrigada, meu senhor.

SAHE A 2.ª PASTORA *e canta:*

As bellas fructinhas
Faz bom paladar.

CANTA O ESTUDANTE.

Venha cá menina,
Que as quero comprar.

FALLA O ESTUDANTE.

Adorada senhora, o alphabeto do teu peito
Unindo-se aos volumes de minh'alma,
Faz que com a Universidade do teu corpo
Viva abrazada em duas chammas.
Eu que revendo os livros das razões,
Segundo a confusão do teu querer,
Achei na prosodia dos teus olhos
Um amor que não posso entender.

PASTORA.

Se com prosas, senhor Escolastico,
E' que me pretende apanhar,
Peço que se desmagine,
E me deixe negociar :
Pois foi para o que vim,
E não para conversar.

ESTUDANTE.

Pois, menina, não se inflamme,
Não fuja do meu querer ;

Veja que estou prompto
Para em tudo a obedecer.

As fructas que estás vendendo
Compral-as todas já quero;
Deixe-me ver o bom gosto,
E pelo preço, eu espero.

PASTORA.

As minhas ricas maçãs
São doces, e muito bellas;
As uvas tambem são doces,
Olhe aqui bem para ellas!

As maçãs a tres por dous,
E' por quanto estou vendendo:
Veja se lhe fazem conta
E venha o dinheiro correndo.

ESTUDANTE.

Sim senhora, muito bem,
Deixe proval-as primeiro;
Se forem do meu agrado,
Darei então o dinheiro.

PASTORA.

Proval-as! não sou eu tola
Para que em tal cousa caia:
Vá ao terreiro do Paço
Com outra tirar alfaia.

SAHE A REGATEIRA *e canta:*

Os bellos gorazes,
Eu estou vendendo:

CANTA O MEIRINHO.

Bella Regateira,
Por ti estou morrendo.

FALLA O MEIRINHO.

Bellissima senhora,
O praso da notificação dos teus colloquios,
E' provada causa dos queixumes;
Eis-me sentenciado como réo
Dos teus affectos, mimos e ciumes.

FALLA A REGATEIRA.

Meu senhor, de justiça nada entendo;
Nunca papeis procurei;
E penso que alguns recados
Tambem nunca os levei :

E assim vá-se andando,
Não me venhas empatar,
Deixe-me com os meus peixes
Hoje aqui negociar.

MEIRINHO.

A mim não dás audiencia,
Desconheces meu poder?
Não sabes que tenho ordem
Hoje aqui para prender?

REGATEIRA.

Prender-me!
Vá-se d'aqui mandrião;

Vá ver alguma tola,
Que você lhe passe a mão;

Diga-me, porque razão
Quer-me você prender;
Se é pelos seus carinhos...
Não os quero receber.

MEIRINHO.

E é pouco crime?

SAHE A PADEIRA *e canta* :

Eu, como padeira,
Pães estou vendendo :

CANTA O MARUJO.

Trabalhos, meu bem,
Por ti estou soffrendo.

FALLA O MARUJO.

Ai! ai! querida prenda!
Mal deitei o oitante nos teus olhos.
E na tua grammatica belleza,
Lancei mão pelas ensalças,
Subi com grande destreza.

FALLA A PADEIRA.

O' lá, senhor navegante,
Suas supplicas não entendo :
Se quer comprar os meus pães,
Já, com gosto, vou vendendo.

O MARUJO DANSA, *cantando*:

No mar da tua belleza
Navega meu coração;
O' senhora, pela vida,
Tenha de mim compaixão.

O MARUJO PARA O MEIRINHO.

E você, senhor bigorrilha,
O que quer desta menina?

O MEIRINHO PARA O MARUJO.

Prendel-a, e a quem não tem licença,
Pois esta é a minha officina.

A PADEIRA PARA O MEIRINHO.

Pois tambem me quer prender?

MEIRINHO.

Não só a você, como as outras
Ordem tenho para o fazer:
Conduzil-as todas juntas,
E na cadeia as metter.

A ordem aqui está presente,
Que me deu o meu juiz:
Pois fiquei muito contente,
Foi isto mesmo o que eu quiz.

TODOS.

Leia-nos esta ordem, que queremos ouvir.

MEIRINHO.

Sim, senhores, leio-a já.
Lê o Meirinho a ordem.

Christovão da Costa Guadeiro,
Doutor, Juiz d'este Bairro,
Commandante das vendeiras
Desta ribeira do Carro :
A' quem Deus guarde, etc., etc., etc.

Ordeno ao meu official,
Meirinho da minha inspecção,
Que em toda mulher vendeira,
N'ella logo passe a mão :

Se acaso tiver licença
Deve ser distribuida,
E pelo tabellião
Deve ser reconhecida.

Será todo o seu prazo
Pagar a condemnação
E varias outras cousas,
E depois sahirá então.

Ribeira do Carro, 25 de Dezembro de 1862.

Visto a ordem que tenho,
Hei de já executar ;
E me porei de alcateia
Para a todas condemnar.

O ESTUDANTE, *para o Meirinho*.

E quanto ganha você
Por esta sua execução?

MEIRINHO.

Uma pataca, em cada uma,
De passar a certidão.

ESTUDANTE.

Pela menina das fructas
Hei de pagar-lhe o trabalho;
Escusado é pois prendel-a,
E dar-se-á tão grande abalo.

SOLDADO.

Pela menina das flôres
Não pago, nem tenho tenção;
Nem o senhor official
N'ella ha de pôr a mão.

MEIRINHO.

Isto é por valentia?

SOLDADO.

E' porque muito confio
Nesta sua bizarria.

MARUJO.

Cá sobre este meu bote
Você não ha de embarcar,
Quando não, no espinhaço
A faca lhe hei de cravar.

MEIRINHO.

Pois com armas prohibidas
Me quer agora atacar?

MARUJO.

Cá comigo não sei:
Gosto pouco de fallar.

MEIRINHO.

Pois com a minha Regateira
Eu me hei de despicar;
Ella ha de ser a primeira,
Que á cadeia hei de levar:

Já que é tão valentona,
E não me quer por amante,
Ora venha para a cadêa,
Já e já, neste instante.

REGATEIRA.

Senhor official, tanta tyrannia
Pretende comigo usar?

MEIRINHO.

Usarei, e hei de usar.

1.ª PASTORA.

Senhor, eu lhe peço...

MEIRINHO.

Nada, nada, venha vindo.

2.ª PASTORA.

Senhor, por quem é!

MEIRINHO.

Não entendo de conversa.

4.ª PASTORA.

Senhor, attenda.

MEIRINHO.

De supplicas não entendo.

ESTUDANTE.

Agora supplico eu :
Tenha dó e compaixão.

MEIRINHO.

Ora venha tambem,
Senhor meu, para a prisão.

CANTA A REGATEIRA.

Desta pobre Regateira
Senhor, tende compaixão.

CANTA O MEIRINHO.

Executo ; sou mandado :
Venha já para a prisão.

CANTAM TODOS.

Perdoae dae-lhes soltura,
Não tenhas máo coração ;
Promettemos vingadores
Que ellas presas não vão, não.

CANTA O MEIRINHO.

Hão de vir, e hão de vir.

CANTAM TODOS.

Não, não vão, não.

CANTA O MEIRINHO.

Sim, sim, sim.

FALLA O SOLDADO.

Considero-me em campanha,
Com os inimigos em frente;
Hei de mostrar o que posso,
E o que tenho de valente;

Bombas e granadas
Se acaso tivesse presente,
Tudo despresaria hoje
Pelo meu braço potente.

Com as minhas mãos valorosas
Hei de aqui já atacar,
Prometto que ninguem,
A prisão ha de parar.

ESTUDANTE.

Meus livros, minha Grammatica,
Emfim meu Phedro e Prosodia,
Nominativos do Novo Methodo
Mostrarei aqui, mostrarei

Muitas cousas que eu sei;
Que é cousa muito certa:
Quid coget, fidem laudemus,
Et solet meum gaudere.

MARUJO.

Farei bordo por davante
Calçando bem o traquête,

Irei a fogões de prôa
Já de faca, ou de cacete;

Quando não, o espinhaço
Lhe hei de pôr em axinha;
Lhe sacudirei já do corpo
Tudo quanto for morrinha.

O MEIRINHO PARA O MARUJO.

Todo este seu poder
Já não me faz confusão;
Maior poder tenho eu,
Com esta vara na mão:

Não sabe que neste bairro
Tambem mando, e tenho ordem
Para prendel-os a todos
Se comigo fizerem desordem?

SOLDADO.

Prender-me! ora, essa é boa,
Passe d'aqui, vá brincar;
Onde se viu um Meirinho
Prender a um militar!

ESTUDANTE.

E a mim tambem o mesmo,
Quem lhe deu tal liberdade,
De prender um Estudante,
Que cursa a Universidade!

MARUJO.

O senhor official
Comigo não faz farinha,

Senão já lhe sahe do corpo
Tudo quanto fôr morrinha.

O MEIRINHO, *para o Marujo.*

Cale a boca, senhor garrulho,
Que já não posso aturar,
Senão com esta vara
Os ossos lhe hei de quebrar.

TODOS.

O que dizes, insolente?

MEIRINHO.

Digo, e obro diligente.

CANTAM TODOS.

Este Meirinho atrevido
Aqui hoje ha de acabar.

CANTA O MEIRINHO.

Pois eu com esta vara
Os ossos hei de quebrar.

CANTAM TODOS.

Piedade, piedade;
Tenha de nós compaixão.

FALLA O MEIRINHO.

Em louvor do Deus Menino,
Estão livres da prisão.

SAHE O VELHO *e canta:*

Pastorinhas bellas,
Que lindo dia,

Com alegria
Já nos figura.
Já a Parca dura,
Se vae prostrar
Com agudo ferro
Sem nos maltratar.

FALLA O VELHO.

Pois, senhores, neste dia
E' que vocês querem brigar?
Não sabem que nasceu Jesus
Para a todos nos salvar?!

Acomodem-se, por favor,
Não briguem, por compaixão,
Vejam que nasceu Jesus
Para nossa salvação.

TODOS.

Já, senhor, vos attendendo,
Não queremos mais brigar.

O SOLDADO PARA O VELHO.

Que novidade é esta?
Hoje nos ha de contar.

VELHO.

No Presepe de Belém,
Onde Jesus é nascido,
E' bem que seja por nós
Eternamente applaudido.

Vamos em marcha cantando
A divisar a estrada;
E faremos em Belém
Funcção muito celebrada.

CANTAM TODOS A MARCHA.

Com passo lento já sigo
A' Belém para adorar;
Que nasceu o Deus Menino,
Hoje para nos salvar.

LÔA DO SOLDADO.

Aos vossos pés prostrado,
Faço a minha adoração:
Vos entrego alma e vida,
Juntamente o coração.

LÔA DA 1.ª PASTORA.

As flôres vos offereço,
Meu Jesus, meu Deus Menino,
Pois viestes nascer no mundo,
Humano, sendo Divino.

LÔA DO ESTUDANTE.

Meu Jesus, meu Deus Menino,
Aqui me venho prostrar;
Só por nasceres no Mundo
Para a todos nos salvar.

LÔA DA 2.ª PASTORA.

As fructas vos offereço,
Por serem mui singular,

Pois eu trouxe tão sómente
Hoje aqui para offertar.

LÔA DO MEIRINHO.

Esta vara que aqui trago
Não fará execução,
Vede que em Vossa Presença,
Já me prostro neste chão.

LÔA DA 3.ª PASTORA.

Estes gorazes, Senhor,
Estão mui frescos, emfim
Aceitae esta offerta,
Oh meu Grande Serafim.

LÔA DO MARUJO.

Meu Jesus, meu Redemptor,
Aqui me quero prostrar;
Só vos peço boa viagem
Lá pelas ondas do mar.

LÔA DA PADEIRA.

Os pães estão muito quentes
Por sahirem do forno agora;
Vos offereço, meu Jesus,
E á Virgem Nossa Senhora.

LÔA DO VELHO.

Meu Menino pequenino,
Ainda não tens um só denté;
Só quero que no vosso dia,
Me dês um copo d'aguardente.

CANTA O VELHO.

Cantemos louvores
Ao Menino Deus,
Que para nos salvar,
Dos céos desceu.
(*Repetem todos a mesma quadra.*)

O VELHO, *canta.*

Os anjos vos cantam
Com doce contento,
Louvores e applausos
Ao Nascimento.

BAILE DAS QUATRO PARTES DO MUNDO

SAHE EUROPA, *cantando.*

Eu venho adorar contente
Ao Menino Deus nascido,
Sacrificar o meu peito
Aos seus amores rendido.

LÔA.

Europa toda vos rende
As grandezas, que em si tem,
Pois só a Vós reconhece
Ser um Deus, e Summo Bem.

SAHE AFRICA, *cantando.*

Como Senhora do Universo,
Vos tributo humilhação,
As potencias de minh'alma
De todo meu coração.

LÔA.

Africa, terror do mundo,
Soberba e vangloriosa,
Para adorar ao Messias
E' humilde, é amorosa.

SAHE AMERICA, *cantando.*

Com profunda adoração
Visitar venho o Messias,
Filho do Eterno Padre,
E da Bemdita Maria.

LÔA.

As bellas preciosidades
Que em si America cria,
Todas vos entrego, Senhor,
Com grandeza e bizarria.

SAHE ASIA, *cantando.*

Com humilde reverencia
Os pés te venho beijar ;
A minha alma e o meu corpo
Nas tuas mãos entregar.

LÔA.

Asia fiel te offerece
Todos os seus cabedaes ;
E maior offerta faria,
Se possuisse inda mais.

FALLA EUROPA.

Asia, que imprudencia é essa,
Pareces mui temeraria!

ASIA.

Este logar me pertence,
Procura parte contraria.

EUROPA.

Asia, teme o meu furor.

ASIA.

Asia nunca temeu.

EUROPA.

Vê bem que as tuas cidades
Europa já as venceu.

ASIA.

Não digas que é vencimento
Pois as roubaste á traição.

EUROPA.

Comtigo não mais disputo:
Dá-me o logar, ou não?

ASIA.

Não dou o logar que é meu.

EUROPA.

E' bem que Europa
Seja no mundo conhecida,

As maiores partes d'ella
Por mim já foram vencidas.

AMERICA.

O desafio me toca,
Pois agora me offendeste ;
O que America domina
Tu, cruel, nunca venceste.

AFRICA.

As cidades africanas
Nunca tu as dominaste,
Se tens alguma, agradece
A falsidade que obraste.

ASIA.

Vêde que Europa cruel
Aqui me veio affrontar ;
E eu não saio de Bélem
Sem minha injuria vingar.

EUROPA.

Se queres brigar comigo,
A pé firme já te espero.

ASIA.

De Europa, America e Africa
Sei tirar o meu rigor féro.

AFRICA.

Oh ! Asia, mais que atrevida,
Não sejas tão petulante ;

Repara que o teu arrojo
Hei de abater n'este instante.
Todo o mundo me conhece,
Por Africa destemida ;
E ninguem ha de dizer
Que a seus pés me viu rendida :
Por brazão de minha gloria,
Sou tambem filha do sol ;
Sou senhora dos Turbantes,
Dos Leões, dos Elephantes ;
Só quando eu vibro o ferro
Sou pela fama espalhada.
Eu domino o mundo inteiro,
Mil africanos armados
Verás em roda de mim :
Sou capaz de reduzir
Em cinza, pó, terra e nada,
Europa, America e Asia.

AMERICA.

Não temo os teus africanos,
Muito menos teus furores ;
Pois tenho para atterrar-te
Metaes de diversas côres.

Eu piso em minas de ouro,
Pedrarias e diamantes,
Para atterrar e comprar
Os teus soberbos turbantes ;

Arcos, flexas, tudo tenho
Já para o vosso castigo,

Pois com a minha riqueza
Trago o que quero comigo.

EUROPA.

Do mundo, homens maiores
De Europa são descendentes,
Os abôrtos das sciencias
Os guerreiros mais valentes.

Todas as partes do mundo
Os Europeus descobriram ;
Lhes custou as proprias vidas,
Mas victoria conseguiram.

AMERICA.

Mas quando Europa despede
Os seus filhos com rigor,
Em America vem achar
Mimo, doçura e amor.

AFRICA.

Mas quando Europa e America
Os degrada lastimosos,
Encontram n'Africa o amparo,
Por ser mãi dos criminosos.

ASIA.

Asia, sou a grande Asia
Da sagrada terra feliz,
Abençoada por Deus Padre,
Abençoado o terreno
Onde Deus foi collocado;
Onde Deus formou o homem,

Causa do nosso peccado :
Asia, como a mais antiga.
Tem o primeiro logar,
Pois as grandes maravilhas,
Só Deus n'Asia quiz obrar.

SAHE O TEMPO *e falla.*

N'aquella parte escondido
Estive ouvindo o vosso enfado ;
Asia tem muita razão
No seu fallar acertado :

A' Asia venerem todos,
Com respeito o mais profundo,
Por ser ella feliz patria,
Onde Deus baixou ao mundo.

EUROPA, AMERICA E AFRICA.

Quem sois vós, meu velho honrado,
Que tanto a Asia defendes?

TEMPO.

Sou o Tempo estragador ;
Creio que agora me entendes.

TODAS.

O que fôr do vosso gosto,
Sujeito á vossa vontade ;
Promptas estamos, haja pois,
União e amisade ;
    Agora formenos baile
    Das Quatro Partes do Mundo.

TEMPO.

Eu alacaiando n'elle,
Serei o Tempo jucundo.

TODAS.

Com prazer, com alegria,
E todos com voz sonora,
Tributem hymnos a Jesus,
E á Virgem Nossa Senhora.

CANTA O TEMPO.

Reconheço a Vós,
Ao Deus das alturas,
Senhor do Universo,
E das creaturas.

(*Repetem todos o mesmo.*)

CANTA EUROPA E ASIA.

Rei Divino, as duas partes
Que são amantes, do mundo,
Humildes vos vem render
Acatamento profundo.

CANTA O TEMPO.

Reconheço a Vós, etc.?

CANTA AMERICA E AFRICA.

Estas duas tambem querem
Adorar com humildade ;
Pois, sois, segunda pessoa
Da Santissima Trindade.

Reconheço a Vós, etc.?

CANTA O TEMPO.

Eu como o Tempo, que sou,
Me prostro mais reverente ;
Pois nascestes n'este mundo,
Para salvação da gente.

Reconheço a Vós, etc.?

BAILE DA LIBERDADE
DESPOTISMO, PAZ, GUERRA, E UNIÃO

SAHE A LIBERDADE, *cantando* :

Eu sou aquella heroina
Dos povos mui adorada,
Que venho hoje contente
De festejos celebrada.

VOLTA.

Vivam todos os viventes
Que só amam a Liberdade,
E que sempre ao Despotismo
Pisam com crueldade.

LÔA DA LIBERDADE.

Adorado Infante Nascido,
Rei supremo e Creador,
Espalhae em vossos povos
Patriotismo e valor.

SAHE O DESPOTISMO, *e canta :*

No meu peito só impera
O amor ao servilismo ;
Sou dos grandes conhecido
Por severo Despotismo.

VOLTA.

Não desejo senão ver
Tyrannia e rigorismo ;
Me infureço quando vejo
Um povo com heroismo.

LÔA DO DESPOTISMO.

Fazei o Jesus amado,
Com grandeza e brilhantismo,
Que todos os povos do mundo
Respeitem ao Despotismo.

FALLA A LIBERDADE

Na verdade, és temerario,
Vil monstro, vil insolente,
Ide de minha presença
Tyranno oppressor da gente.

DESPOTISMO.

Não exciteis meu furor,
Não me queiras irritar ;
Sabeis vós que o Despotismo
Sempre ha de triumphar.

LIBERDADE.

Treme impotente poder
De querer nos captivar ;

Somos livres por natureza,
Sabemos grilhões quebrar.

Nunca mais a tyrannia
Calará o sentimento,
Com verdugos não transigem
Liberaes por sentimento.

Da razão o ser avilta
Quem cumpre cégo querer,
E' labéo da humanidade
Quem liberal não quer ser.

Miseravel Despotismo,
Oppressor de toda gente,
Sabei que sou a Liberdade,
Que triumpho eternamente.

Não ha povo o mais selvagem,
Que não ame a Liberdade ;
Sou amada até dos brutos,
Por uma certa ingenuidade.

Se povos ha que no mundo
Estão sujeitos ao Despotismo,
E' porque inda não sabem
O que é liberalismo.

Ser livre no mundo é tudo,
Escravo menos que nada ;
Longe de mim quem não préza
Differença tão sublimada.

DESPOTISMO.

Isso em ti é uma loucura,
De ti tenho compaixão ;
Vereis sahir brevemente
Triumphante a escravidão.

LIBERDADE.

Aterrar o Despotismo,
Succumbir mandões tyrannos,
Defender a Liberdade,
E' o dever dos humanos.

Jámais nunca a escravidão
Dominará nossos peitos,
Os humanos liberaes
A mandões não estão sujeitos.

O DESPOTISMO, *desembainha a espada e diz :*

Eia, poz, já decidamos
Quem de nós tem mais poder ;
Eu vos mostro desde já
Quem de nós ha de vencer.

Eia, não vos demoreis
Não queiras cobarde ser ;
Teme já sob meus pés
O meu severo poder.

A LIBERDADE, *desembainha a espada e diz :*

Se tu, temerario ousares
Atacar a Liberdade,

Pagarás caro o arrôjo
Desta tua atrocidade.

Apezar de infames servos,
De vis perdidos escravos,
O mundo ha de ser livre
Com seus defensores bravos.

(*Sahem de dentro pessoas armadas, para as quaes a Liberdade diz.*)

Constancia, filhos meus, patriotismo,
Calque-se uma vez o Despotismo ;
Heróes quaes sois na paz e na peleja,
O monstro fulminae, que ainda arqueja.

(*Dizem os Soldados para a Liberdade.*)

Não duvides da constancia nossa,
Teus filhos somos, mui briosos :
Sangue pela Liberdade derramamos,
E ainda mesmo em penhor o resto damos.

(*O Despotismo ajoelha-se, a Liberdade o prende, toma-lhe a espada e o sceptro.*)

DESPOTISMO.

Aos pés da Liberdade geme, arqueja
A vil escravidão, essa que outr'ora,
Sedenta pretendia ser senhora
Da doce Liberdade que o mundo inveja.

O céo, que sobre nós a paz bafeja,
Da victoria o trophéo já nos arvora ;
A cerviz levantar não ousa agora
A caterva enfadonha emfim fraqueja.

Quebrem-se os grilhões da atrocidade,
Erga-se o pendão da Independencia
Em vivas acclamando a Liberdade.

(A gente armada retira-se levando o sceptro e espada do Despotismo : dão vivas á Liberdade e cantam em marcha.)

Alegres vivas cantemos
Com constancia e amisade ;
Entoemos com coragem
Vivas á Liberdade.

VOLTA.

Amor, constancia e firmeza
Devemos já tributar :
Com valor a Liberdade
Devemos pois sustentar.

CANTAM, *bailando.*

A' Liberdade
Vivas entoemos,
Festivos cantos
Hoje recitemos.

Seremos heroes
Pela Liberdade,
Todos lhe rendemos
Amor e amisade.

(Vão-se.)

SAHE A PAZ, *cantando :*

Quem ama a Liberdade,
Quer a Paz no coração :

E quem ama o Despotismo,
Quer sangue e inquietação.

VOLTA.

Eu sou a Paz adorada,
Dos que querem liberdade,
Reine em nossos corações
União e amisade.

LÔA DA PAZ.

Supremo Rei e Senhor,
Deus de completa candura,
Inspirae tranquillidade
Em todas as creaturas.

SAHE A GUERRA, *cantando* :

Sangue e chamma se atêa
No meu livre coração ;
Desejo só destruir
A tyranna escravidão

VOLTA.

Devemos constantemente
Ter valor, patriotismo,
Defender a Liberdade
E aterrar o Despotismo.

FALLA A PAZ.

Sangue, effeito da guerra lamentavel,
Só a póde curar a Paz saudavel ;
Vêde vós o triste abysmo da maldade,
Onde tudo é rigor, nada piedade.

GUERRA.

Fere-te o coração a horrivel Guerra,
Que um vivo inferno vem fazer na terra :
Tu vês a Guerra ao longe retratada,
Como uma triste Aldêa incendiada,
Que mostra chammas, e não mostra afflictos ;
Vemos estragos, só se escutam gritos :
Se ao perto tu mesmo a visses,
Talvez partido o coração sentisses.

PAZ.

Se os homens mui bem todos pensassem,
Se as leis da humanidade assim guardassem,
Não estava o mundo cheio de homicidas
Que a posse roubam do Senhor das vidas :
Por isso o Céo sereno eu vejo irado,
E um bom cordeiro em um leão tornado.

GUERRA.

E' verdade que sou temida e respeitada
Dos humanos que querem só a Paz,
Mas é bom que defenda cada um
Aquillo que outro já desfaz.

PAZ.

Eu gosto que a aldêa enxugue o pranto
Que a paz festeje com folia e canto.

GUERRA.

Como haveis fazer festim mais nobre?

PAZ.

Louvando o céo e soccorrendo o pobre.

SAHE A UNIÃO, *cantando* :

Eu sou a firme União
De todo o mundo zelosa,
Que venho hoje fazer
Vossa dita venturosa.

VOLTA.

União, fidelidade,
Devem todos sempre ter ;
Vamos já ao Deus Menino
Nosso amor firme render.

FALLA A UNIÃO, *para todos.*

Tenho sempre em vossos peitos
Um firme amor á União ;
Gravem todos esta maxima
No intimo do coração.

LIBERDADE, PAZ E GUERRA.

Vindes hoje muito alegre,
Estimavel creatura !

UNIÃO.

Faremos hoje união
Com uma constancia pura.

A UNIÃO, *para a Liberdade.*

Vós que sois a Liberdade
Livrae este desgraçado,

Que só quer ser um tyrranno
E austéro potentado.

PAZ E GUERRA.

Perdoae este malvado,
Por este venturoso dia,
Para que venha louvar
A' Jesus com alegria.

LIBERDADE, *para o Despotismo.*

Agradece a este dia,
Vil escravo aventureiro ;
Louvae ao Omnipotente
Com firme amor verdadeiro. (*Solta-o.*)

TODOS.

Oh! que dita, a mais alegre
Este dia nos figura,
Por ver nascido no mundo
Uma immortal Creatura.

CANTA A UNIÃO.

Applaudi humanos
Este grande dia,
Pois nascido é Jesus
Da Virgem Maria.

(*Repetem todos o mesmo.*)

CANTA A LIBERDADE.

Livres já estamos
Com grato contento ;
Applaudamos alegres
Este nascimento.

CANTA A PAZ

Tranquillos dansemos
Com grata harmonia,
Applaudamos alegres
Este grande dia.

CANTA A GUERRA.

Viva a Liberdade,
E a nossa União,
Que Jesus nos deu
De bom coração.

BAILE INTITULADO O TRIUMPHO DE AMOR

PERSONAGENS

CUPIDO.	DEUS DE AMOR.
O JOVEN GERMANO. .	PASTOR.
EULINA.	PASTORA.
FLORA	IDEM.
AMELIA.	IDEM

Aos lados do presepe haverão duas arcadas de folhagem, que simulem entradas, á direita e á esquerda de uma floresta. — Ao principiar o baile ouve-se dentro entoar o seguinte-coro :

A aurora d'hoje
Surge tão bella,
Que bem parece
Luzente estrella!

Em tudo reina
Contentamento,

Por ser de Christo
O nascimento!

A' Elle um hymno,
Com gosto ingente,
Hoje entoemos,
Ufanamente.

SAHE CUPIDO, *cantando* :

Nestes prados tão amenos,
Que adornam cheirosas flôres,
Vem prazeres encontrar,
Cupido, Deus dos amores,

Quanto são gratos
Na gentileza
Os dons amaveis
Da natureza!

FALLA.

São bellos, sim, na verdade
Os mimos da natureza,
Nelles se vêem, sem lisonja,
Graças, candura e belleza.

Como alegre vem nascendo
A mimosa e linda aurora,
Que convida as creaturas
Aos bellos jardins de Flora!

Que manhã! Que grato dia!
Que estrellas tão luminosas!...

Como este prado está cheio
De cravos, jasmins e rosas?...

Tudo é bello, encantador,
Completa a gloria, o prazer...
Mas nada d'isto resiste
Ao meu immenso poder.

Planta, flor, e natureza,
Tudo que existe no mundo,
Me tributam reverentes
Acatamento profundo.

E se existe um peito isento
De saber o que é amar...
Appareça : e eu farei
O seu orgulho acabar.

CANTA.

Não ha um peito
Que isento viva
Da chamma activa
Do Deus d'amor!

FALLA.

Que peito haverá tão cheio
De rigor, d'ingratidão,
Que resista ao meigo affecto
Da mais ardente paixão!...

CANTA.

Não ha um peito
Que isento viva

Da chamma activa
Do Deus d'amor!

GERMANO, *canta dentro :*

Eulina, ingrata, não ama
A' quem sincero a adora...
Eulina é bella e altiva,
O que é amor ignora

E' muito formosa,
Muito encantadora,
Mas não sabe amar
A gentil pastora.

CUPIDO.

Que escuto?... será possivel
Que no mundo possa haver
Um ente tão insensato,
Que me ouse contradizer!

Eulina, ingrata não ama!
Veremos essa altanáda :
No entanto vou me occultar
Atraz d'aquella emboscada.

(*Esconde-se na floresta, á direita.*)

SAHE GERMANO, *fallando :*

Não quer o fado contrario,
Não permitte a minha sina,
Que ceda ao meu grande affecto
A bella e formosa Eulina.

Ah! que ingrata! que pastora!
Que féra! que deshumana!
Que joven tão bella e pura,
Oh! que mente tão insana!

Eulina, querida Eulina,
Ingrata, deixa o rigor...
Cede ao meu ardente affecto,
Cede ao meu constante amor!

CANTA.

Um suspiro meigo e triste
Traduz affecto, e amor...
Só quem soffre é que conhece
De seu effeito o rigor!

Ah! vem Eulina,
Dar-me soccorro...
Acode, acode...
Senão eu morro!...

FALLA.

Amor, impotente Amor!
Não tens o poder que ostentas :
Inda existem almas puras
Das tuas settas isentas.

E's fraco, Amor, és covarde,
Eulina já te venceu,
Não é justo que mais viva
Um infeliz como eu.

(Tira de um punhal, quer ferir-se, e suspende-se á voz de Cupido.)

CUPIDO, *dentro* :

Suspende, infeliz amante!
Larga o punhal destemido :
Vê qu'insultando a natura,
Serás pelo céo punido.

GERMANO.

Que voz é esta? — que escuto?
Será um sonho, um delirio!!...
Estarei já no sepulchro...
Oh! que dôr!... oh! que martyrio!...

SAHE CUPIDO

Desgraçado! (*toma-lhe o punhal*) que fazias?
Pois tu querias morrer?...

GERMANO.

Queria, não existindo,
Acabar de padecer.

CUPIDO.

Que intenção deploravel!
Acaso não me conheces?

GERMANO.

Sei que és Amor... sei que és
Mais fraco do que pareces.

CUPIDO.

Mais fraco do que pareço!...
Porque me fallas assim?...

Não sabes que o sêr creado
Todo se prostra ante mim?

Não sabes que o meu imperio
E' immenso e absoluto?...
Não sabes que trophéos roubo,
Triumphos, glorias disputo?...

Como assim tão levemente
Te atreves a me insultar?
Não sabes que neste instante
Posso de ti me vingar?...

GERMANO.

Reconheço o teu dominio,
O teu immenso poder,
Mas com elle não pudeste
A féra Eulina vencer.

CUPIDO.

Eulina não sabe amar!...
Dize, querido Pastor:
Eu lhe farei conhecer
Destas settas o rigor.

GERMANO, *canta*:

Eulina ingrata não ama
Aquem sincero a adora...
Eulina é bella e altiva,
O que é amor ignora.

E' muito formosa,
Muito encantadora...

Mas não sabe amar
A gentil pastora.

CUPIDO, *canta :*

Eulina vae ser vencida
Cedendo, a quem lhe adorar
Settas tenho muito agudas
Para fazel-a humilhar.

Não ha um peito
Que isento viva
Da chamma activa
Do Deus d'Amor!

GERMANO, *falla :*

Oh! meu Deus! será possivel
Que tudo seja verdade?...

CUPIDO.

Amas, Pastor, essa joven,
Adoras essa beldade?

GERMANO.

Adoro-a como se póde
No céo, na terra adorar!...
Se me dás, Eulina bella,
O teu triumpho é sem par!

CUPIDO.

Conta com ella, Germano,
Serás mui feliz amante...

E eu depois de vencel-a
Regressarei triumphante.

(*Vae-se pela floresta á direita.*)

CANTANDO.

Gloria e triumpho
Mui sublimado,
Eis a divisa
No Deus vendado.

GERMANO (*só*), *canta :*

Se da sorte não me é dado
Que valido chegue a ser...
Vida tão triste, e penosa
Fôra mais util perder!

Ah! vem, Eulina
Dar-me soccorro!...
Acode, acode...
Senão eu morro!...

(*Cahe de joelhos, como abatido.*)

EULINA (*dentro*), *canta :*

Quebrei as settas
Do deus Cupido...
Fugiu raivoso
Por mim vencido!

GERMANO, *levantando-se.*

E' ella! — sim, é meu anjo,
A minha brilhante estrella!...

Fujamos por estes sitios,
Não quero por ora vel-a.

(*Vae-se pela floresta, á esquerda.*)

SAHE EULINA, *cantando* :

Como leda vem surgindo
Tão formosa a madrugada!...
Como brilhante desponta
Já da Aurora a luz dourada!...

Irei colhendo
As flôres mimosas,
Que no prado achar
Bellas e cheirosas.

FALLA.

Deixando a pobre cabana,
Para aqui me encaminhava,
Eis que encontro o Deus Cupido
Trazendo settas e aljava.

Pude apenas divisar
Como seus membros são bellos,
Como são lindos e louros
Os seus mimosos cabellos!...

As feições lindas e castas,
As faces são côr da neve,
Sorriso sómente tem
Na boca mimosa e breve.

Traz nos hombros delicados
Aljava dependurada,

Constantemente de settas
Agudas, apparelhada.

Eis que viu-me, e armando o arco
Para mim se dirigiu,
Cégo, confuso, e sem arte
Uma setta despediu.

Passou de longe o farpão.
Uma risada soltei ; —
Mas, temendo novo ataque,
Os meus passos apressei.

Seguiu-me o menino insano,
Novas settas disparou ;
Mas, vendo que eram de balde,
Irado se retirou.

CANTA.

Quebrei as settas
Do deus Cupido,
Fugiu raivoso
Por mim vencido

FALLA.

Irei pelo prado ameno
Flores mimosas colher,
E das mais bellas que achar
Um lindo tope tecer.

(*Vae-se pela floresta, á direita.*)

SAHE GERMANO

Será possivel, oh ! céos !...
Maldição !... que tenho ouvido ?

Venceria acaso Eulina
O cobarde Deus Cupido?

Ella ha pouco assim o disse,
Eu tudo attento escutei...
Oh! que não sei como louco
A vida não acabei!

Minha Eulina, minha bella,
Meu caro amor, meu agrado!...
Oh! que thesouro sem par
Existe n'aquelle prado!...

EULINA (*dentro*), *canta* :

O horizonte
Todo esmaltado,
Traz-nos um dia
Auri-rosado!

GERMANO.

E' ella, meu Deus, é ella...
E' a voz da minha Eulina!

CANTA.

Ah vem, Eulina,
Dar-me soccorro...
Acode, acode,
Senão eu morro!...

(*Cahe de joelhos, como abatido.*)

SAHE EULINA, *cantando* :

Não faltam no prado
Flôres mui mimosas,

Cravos e jasmins,
Mosquetas e rosas.

FALLA.

Mas que vejo? — Este é Germano
Que aqui me está esperando...
Farei que o não avistei,
Os meus passos desviando.

GERMANO, *levantando-se.*

Não, ingrata, não irás,
Sem que me ouças primeiro;
Sem que exp'rimentes o affecto
Do meu amor verdadeiro.

EULINA.

Suspende-te, desgraçado,
Não impeças os meus passos,
Repara que zombo, altiva,
Dos teus traidores laços.

GERMANO, *canta:*

Eu te adoro, Eulina bella,
Inda que tu me não ames!

EULINA, *canta:*

Eu despreso os teus extremos,
Embora ingrata me chames.

GERMANO.

Se me despresas, ingrata,
Teme a vingança d'Amor.

EULINA.

Não receio as iras vãs,
Nem vinganças d'um traidor.

GERMANO, *falla* :

Mil vezes tenho, insensata,
Meu amor te declarado :
Mas dize — qual é o premio
Que tu sempre me tens dado?

Despresos sómente sabes
Em recompensas me dar!...

EULINA.

Que mais queres, imprudente,
De quem te não quer amar?...

GERMANO.

Ingrata, olha que posso
Castigar-te n'este instante :
Mas não tu és minha Eulina,
E Germano é teu amante!...

EULINA.

Vê que te enganas, senhor...
Amado nunca serás.

GERMANO.

Vae-te Eulina, eu te prometto,
Bem cedo te humilharás.

(*Eulina desapparece.*)

GERMANO, (*só*), *canta* :

Sempre, sempre padecendo,
Desprotegido da sorte,
No mundo encontrar não posso
Um prazer que me conforte...

FALLA.

Piedade, justo céo...
Eu me sinto sem soccorro!...
Acode, Cupido, acode,
Vale-me, senão eu morro!

CUPIDO, *sahe fallando* :

Torna em ti, fraco pastor,
Não delires, não descores,
Sê constante nos azares,
Não sejas fraco, não chores.

Fiz guerra á formosa Eulina,
Não venci, fui infeliz...
Foram baldados, sem fructo,
Esforços todos que fiz...

Mas eu prometto vingar-me
D'essa insolente fingida...
Verás como eu sei prostral-a,
De novo, á teus pés rendida!...

As minhas settas, ha pouco,
Foram por ella quebradas...
Trago outras mais venenosas,
Mais fortes, mais aguçadas.

Constancia, pastor, constancia.
Torna em ti, recobra alento,
E's feliz, és venturoso,
Vae findar o teu tormento.

CANTA.

« Gloria e triumpho
Mui sublimado, »
Eis a divisa
Do Deus vendado.

GERMANO.

Vae, amor, — tem piedade
Deste amante despresado...
Soccorre a um infeliz,
Tem dó de um desventurado!

CUPIDO.

Eu me ausento, meu pastor,
Ella não póde tardar :
Occulta-te á sua vista,
Que eu tambem vou me occultar.

Logo que a vires aqui
Chega-te á ella, amoroso ;
Eu te prometto que em breve,
Serás amante ditoso.

GERMANO.

Eu me ausento, ó deus Cupido,
Cheio de dôr e incerteza!

CUPIDO.

Vae-te, pastor, sem receio,
Confia em minha destresa.

(*Apertam as mãos e retiram-se para a floresta — Cupido para a direita, e Germano para a esquerda.*)

EULINA, *cantando :*

Corre noticia mui certa
Que nasceu hoje em Belém
O Messias promettido
Para todo o nosso bem.

Quanto feliz fôra
Se aqui encontrasse
Quem para lá ir
Meus passos guiasse!...

GERMANO, *que tem sahido de manso, durante o fim do canto de Eulina.*

Não encontras, cara Eulina,
Pois eu não estou aqui?
Que prazer não foi o meu,
Quando tua voz ouvi?...

EULINA.

(*A parte.*) Inda Germano outra vez
(*Alto.*) Retira-te ó insolente!...
Retira-te homem sem pejo,
Não te faças imprudente.

GERMANO.

Insolente, homem sem pejo, (*calmo*)
Serei tudo o que quizeres...
Porque tu, encantadora,
Com esses olhos me feres.

(*Cupido despede uma setta sobre Eulina.*)

EULINA.

Oh! meu Deus, será possivel?
(*vacilando.*)
(*Cupido despede outra setta.*)
Ah! Cupido, que venceste!
(*Como desmaiando.*)

GERMANO, *procurando amparal-a.*

Recobra, querida amante,
O sentido que perdeste.

EULINA.

Aos teus pés eis-me, Germano,
Ah! castiga o meu rigor...

GERMANO, *erguendo-a.*

Nos meus braços, cara Eulina,
Nos meus braços, caro amor!
(*abraçam-se.*)

CUPIDO, *cantando :*

« Gloria e tiumpho,
Mui sublimado »

Eis a divisa
Do Deus vendado!

EULINA, *ajoelhando.*

A teus pés, vendado Amor,
Te supplico o meu perdão,

GERMANO, *de joelhos, ficando Cupido no centro.*

Que prazer sinto pular
Dentro do meu coração!...

CUPIDO.

Erguei-vos — sêde felizes —
Seja por todos sabido,
Que nada existe no mundo
Que resista ao deus Cupido.

TODOS, *cantam :*

« Gloria e triumpho
Mui sublimado »
Eis a divisa
Do deus vendado!

SAHEM FLORA E AMELIA, *cantando :*

Nasceu por nossa ventura
Jesus, Supremo Senhor,
Mostrando ao mundo e aos homens
Exemplo de puro amor.

Iremos contentes
Louvar em Belém,

Quem dos céos desceu
Para nosso bem.

FALLAM.

Que esperam, que não marcham
Para a Lapinha, pastores,
A renderem submissão
Ao Rei, Senhor dos senhores?...

FLORA.

Vamos todos com prazer,
Em leda e santa harmonia,
Com vozes alti-sonantes
Festejar tão grande dia.

AMELIA.

Vamos ver quem veio ao mundo,
Nos dar contento e prazer :
Nossos puros corações
A Jesus offerecer.

EULINA.

Iremos, caras pastoras,
Festejar com gosto ingente,
O Deus Menino nascido,
O Senhor Omnipotente.

GERMANO.

Grande prazer experimento
Por saber tal novidade,
E por isso irei contente
Adorar a Divindade.

CUPIDO.

Vamos em marcha, entoando
Hymnos e bellas canções,
E juntos lhe offertaremos
Nossos puros corações.
Vamos em baile formado
Adorar o Redemptor
E o nome d'este baile
Seja — O Triumpho d'Amor.

(*Formam o baile.*)

CUPIDO, *tira a seguinte marcha* :

Em louvor de Deus Menino,
Astro brilhante do céo,
Cantemos todos alegres
Gloria in excelsis Déo.

(*Repetem todos o mesmo.*)

CUPIDO, *canta* .

Hymnos celestes
Hoje entoemos,
A este almo dia
Com prazer brindemos.

(*Repetem todos o mesmo.*)

CANTAM GERMANO E EULINA, *de joelhos* :

Pai, Senhor Omnipotente,
Deus de infinita bondade,
Reverentes adoramos
Vossa Etherea Divindade.

CUPIDO, *canta :*

Hymnos celestes, etc.

(Repetem todos o mesmo.)

CANTAM FLORA E AMELIA, *de joelhos :*

Já que quizestes, Senhor,
Sendo Divino, humanar-vos,
Inflammae os nossos peitos
Para podermos louvar-vos.

CUPIDO.

Hymnos celestes, etc.

(Repetem todos o mesmo.)

CANTA CUPIDO, *de joelhos :*

Cupido se abate e prostra
Com amor e reverencia,
Pois que em vós só reconhece,
Poder e Omnipotencia.

CUPIDO

Hymnos celestes, etc.

(Repetem todos o mesmo.)

Cantam todos em retirada :

— Gloria in excelsis Déo
Cantam hoje os viventes,
E cheios de grande amor
Se prostram mui reverentes.

— Gloria in excelsis Déo
Cantemos ao Deus Menino,

Que por nosso amor se fez
Humano, sendo Divino.

— Gloria in excelsis Déo
Se ouve no céo cantar...
Gloria entoemos tambem
A quem nos veio salvar.

BAILE DE ELMANO

SAHE ELMANO *e fallla :*

Seu manto desdobrava a noite escura,
E a rã no charco, o lobo na espessura
Vociferando os ares atroavam ;
Do trabalho diurno já cessavam
Os rudes, vigorosos camponezes ;
O vaqueiro cantando atraz das rezes,
Apoz das cabras, o Pastor cantando,
Iam para as malhadas caminhando :
Tudo jazia em paz, menos o triste,
O desgraçado Elmano a quem feriste ;
Oh! pernicioso amor, cruel deidade,
Flagello da infeliz humanidade :
Tudo emfim descançava, excepto Elmano,
Que a mão do fado, universal tyranno,
Sentia sobre si descarregada ;
Que longe da paterna choça amada,
Dependente vivia em lar estranho,
Sendo os desgostos seus o seu rebanho.
Inflammado o coração ao som da lyra,

Quebrei dos tufões a força, a ira ;
E o venerando rio socegado,
A cuja praia me trouxera o fado,
Mil vezes para ouvir-me as ternas maguas,
A limosa cabeça ergueu das aguas.
Cégo, convulso, pallido e sem tino
Entrei na cabana de Francino,
Onde o desditoso Elmano, entre as Pastoras,
Teve geral estimação, geraes louvores.

CANTA.

Despresado de uma ingrata
Vivo n'esta solidão ;
Em busca das mesmas féras
Que arranquem-me o coração.

SAHE FRANCINO *e falla.*

Que tens, Elmano? Que fatal desgosto
Banha de tristes lagrimas o teu rosto?
Tu que ainda a brevissimos instantes
Te acclamavas feliz entre os amantes,
Logrando mil carinhos, mil favores,
De Ursulina gentil dos teus amores,
Vens tão choroso, tão afflicto agora...
Conta-me, pastor, a paixão que te devora :
Das ancias tuas o motivo, explica,
Communicado o mal, mais brando fica,

ELMANO.

Ai de mim! venho louco, estou perdido,
Oh! peito ingrato, coração fingido!
Oh! deshumana, oh! barbara pastora!
Fementida mulher, enganadora!

FRANCINO.

Amigo torna em ti, recobra alento,
Declara-me o teu impio tormento,
De cégo frenezi que te domina,
Quem é a causa, pastor, é Ursulina?

ELMANO.

Quem, senão ella, oh! céos, me obrigaria
A tão pasmoso, extremo! a sorte impia
Com todo o seu poder, nunca tem feito
Desmaiar a constancia de meu peito:
Quem me abate é amor, não o destino,
Eu te conto o meu mal, eu vou, Francino,
Retratar-te a mais negra, a mais horrivel
De todas as traições; não é possivel
Nos ermos encontrar da Lybia ardente
Monstro seja, leão, seja serpente
Que possa comparar-se a féra humana.
Quantas vezes notaste, honrado amigo,
Finezas, que a traidora obrou comigo?
Quantas vezes d'aqui presenciaste
Seus gostos, seus afagos, e julgaste,
Que o mais ardente amor, a fé mais pura
Pagavam minha candida ternura!
Ouve, e conhecerás, ai de mim triste!
Que foi sonho, illusão tudo o que viste;
Junto a mim quantas vezes a refalsada
Protestou que em sua alma eu só vivia,
Que eu era dos seus olhos alegria!
Dando-me a bella mão furtivamente,
Eu ardendo de paixão, beijei contente;

Pediu-me a desleal que alli tornasse,
Que tão doce prazer lhe não roubasse ;
Guiado por amor fui inda agora
Seu desejo cumprir, antes não fôra ;
Porque não sentiria este martyrio,
Este ardor, esta raiva, este delirio.

FRANCINO.

Consola-te, pastor, esta perjura
Não deve motivar tua amargura ;
Castiga-lhe a traição, e o fingimento,
Lançando-a n'um profundo esquecimento.
Que mais satisfação, que mais vingança
Queres da vil, da subita mudança,
Que ver exposta a perfida pastora
Ao ludibrio geral? Uma traidora,
Uma féra, uma ingrata, inda que bella,
Não merece a paixão que tens por ella.

SAHE JOZINO *e falla* :

Verdes campinas, cristalino Tejo,
Aqui tendes Jozino já presente ;
Oh! quanto aspira o meu desejo,
Tornar á patria para estar contente :
Agora, doce patria, que vos vejo
Maior prazer meu peito sente ;
A quanto tempo jaz de ti distante,
Querida pastora, o teu amante.

SAHE MARILIA *e canta* :

Quem me dera encontrar
A paixão que me domina ;

Pois por não ver a Jozino
Tudo a mim me amofina.

FALLA MARILIA.

Jozino bello, Pastor querido,
Recobra alentos, que tens perdido ;
Aqui tendes Marilia já presente,
Agora com ella viverás contente.

JOZINO.

Bella e querida camponeza,
Elevado estou nesta belleza ;
Sois Marilia gentil dos meus affectos,
Retrato dos meus olhos, o projecto ;
Sois querida e agradada aos meus favores,
Emfim, sois todo o meu bem, sois meus amores.

ELMANO.

Julga-te feliz e afortunado,
Por não teres de amor algum cuidado :
Se fôras infeliz, como eu sou,
Sentirias no peito algum ardor,
Sentirias o coração em fogo ardente
N'uma féra leôa, n'uma serpente.

SAHE URSULINA *e canta :*

A recolher o meu gado
Vou contente caminhando,
Para ver o meu Elmano
E o ir desenganando.

ELMANO, *falla :*

Bella e querida Ursulina,
A tua ausencia me amofina,

Por estar ausente de te ver
Cheguei quasi a extremos de morrer.

URSULINA.

Retira-te, pastor, não me consumas,
Antes da minha vista já te sumas;
Não te entrego mais o meu affecto,
Sacrifiquei de novo a outro objecto.

CANTA ELMANO.

Que dizes, meu bem,
Que rigor é este?

CANTA URSULINA.

Teu bem não me chames,
De quem eu fui te esquece.

CANTA ELMANO.

Cruel, eu te deixo,
Mas teme o castigo.

CANTA URSULINA.

Ingrato, não temo
Teu odio inimigo.

FALLA ELMANO.

Traidora, eu não dizia, eu não jurava,
Que o meu socego ao teu sacrificava;
Ah! porque me não deste o desengano,
Que eu te pedia, coração tyranno?
Que razão te obrigou a acarinhar-me,
E de um findo amor capacitar-me?

A vingadora mão de Jove Eterno
Devia para ti crear o inferno ;
E' possivel, é certo, oh ! céos, soccorro !
Eu pasmo, eu ardo, eu desespero, eu morro.

(*Aqui desmaia Elmano e descança a cabeça sobre o hombro de Francino.*)

FRANCINO.

Modera, pastor, tanta paixão !
Socega por um pouco o coração ;
Pondera que não foste injuriado
Do seu duro desprezo inesperado :
Nenhum, nenhum pastor n'Aldêa ignora,
Que esta, que te deixou, foi té agora
Carinhosa comtigo, e fez patente
Sua correspondencia a toda a gente.
Baixo costume e natural fraqueza
E' que a fez parecer de amor accesa,
Eia pois, cessa o pranto, enxuga o rosto,
Adora a Providencia em teu desgosto ;
Não delires, pastor, não desesperes,
Que és feliz em saber quem são mulheres.

SAHE GERMANA *e canta.*

Para Belém vou contente
Ao bom Jesus adorar,
Que veio nascer no mundo
Para a todos nos salvar.

FRANCINO.

Sejas bem chegada, nobre Germana,
Já lá ia buscar-vos na cabana,

Para o amante Elmano consolar,
Que em chammas de amor quer acabar;
Pois Ursulina desprezando o seu affecto
Dedicou-o de novo a outro objecto.

GERMANA.

Pastor gentil, que regosijos
Apparecem na Lapinha de Belém?
As féras hoje dos escondrijos
Correm a adorar ao Summo Bem:
Não cuideis em amores, meu Francino,
Vamos, sim, adorar o Sol Divino;
Pois quem ama constante com fé pura,
Sente no peito muita amargura;
Seja Ursulina constante ao seu amor,
Abandone a ingratidão e o rigor.

URSULINA.

Eu com Elmano não quero ser constante,
Nem a elle jurei a fé de amante:
Pois nunca lhe tratei com affeição,
Nem constante lhe rendi meu coração.

ELMANO.

Ai de mim, que desespero!!!

FRANCINO.

Uma ingrata, tyranna, desta sorte
Não merece que te exponhas a cruel morte;
Isto em teu coração gravado fique,
E não queiras, pastor, maior despique;

Se até agora calei quanto te digo,
Foi por não te affligir, presado amigo :
Pouco importa perder, quem nada vale,
Pouco importa que a Aldêa falle.
Deveria lembrar-se a fementida
Que a sua affeição foi conhecida ;
Detesta desde já essa pastora
Inconstante, tyranna, vil traidora.

SAHE O VELHO *e falla*

Que alegre manhã, que grato dia,
Só respira prazer, só alegria ;
Nobres pastoras e pastores
E' chegado o tempo dos louvores.

FRANCINO.

Loreno, vejo-te hoje tão contente,
Que será, que aconteceu?

VELHO.

Jesus, que é nossa ventura,
Em Belém hoje nasceu.

GERMANA.

Não sabias do nascimento?
Já vos queria contar.

VELHO.

Nasceu esta meia-noite
Para todos nos salvar.

ELMANO.

Com todos os meus desgostos
Prompto estou para adorar

A um Deus, Senhor Eterno,
Que nasceu p'ra nos salvar.

MARILIA.

Eu no canto não fico,
Irei de boa vontade
Adorar hoje em Belém
A Suprema Divindade.

JOZINO.

Formemos para Belém
Uma jornada de gosto,
A vencermos o caminho
Antes que o sol seja posto.

GERMANA.

Ursulina com Elmano
Façam mui boa união,
Para com gosto fazermos
Melhor a nossa funcção.

URSULINA.

Só para este tão bom fim
Faremos sociedade,
E d'elle serei companheira
De toda a minha vontade.

CANTAM TODOS A MARCHA.

Marchemos para Belém
Com contento e alegria,
Para adorar a Jesus,
Filho da Virgem Maria.

LÔA DE ELMANO E URSULINA.

Meu Jesus, meu Summo Bem,
Aqui rendemos louvores,
Recebei os nossos votos
Supremo Rei dos senhores.

LÔA DE MARILIA E FRANCINO.

Meu Jesus Omnipentente,
Acceitae meu coração ;
Sabemos que nada somos
Oh ! Deus de Summa isenção.

LÔA DE JOZINO E GERMANA.

Ainda que somos rusticos,
Creados sem raciocinio,
Agora memoria temos
Só por Vós seres Divino.

LÔA DO VELHO.

Que lindo pequinitates,
Como bole com as perninhas ;
Como está elle gostando
D'estas lindas pastorinhas !
Recebei com summo gosto
Esta bella embigadinha.

CANTA ELMANO E URSULINA.

Louvores já vos rendemos
Com toda a humilhação ;
Vos entrego alma e vida,
Juntamente o coração.

O VELHO, *canta.*

A um Deus Menino
Senhor das alturas,
Que veio humanar-se
Entre as creaturas.
(*Repetem todos o mesmo.*)

CANTA FRANCINO E MARILIA.

Meu Menino, lindo e santo,
Louvores viemos render
Só por vermos o amor
De quem por nós veio nascer.

A um Deus Menino, etc.

CANTA GERMANA E JOZINO.

Grande Deus Omnipotente
Rei, Senhor de todo o mundo ;
A vossos pés vos rendemos
Acatamento profundo.

A um Deus Menino, etc.

O VELHO, *canta.*

Eu como um velho que sou,
Faço a minha adoração,
E' vos entrego, Senhor,
Alma, vida e coração.

A um Deus Menino, etc.

BAILE DA PATUSCADA

PERSONAGENS

SALOIA.
SALOIO.
SOLDADO.
MARINHEIRO.
ISABEL — PASTORA.
DÓRA — PASTORA.
VELHO.

(*O presepe acha-se illuminado. O recinto onde se executa o baile, representa uma praça arborisada, tendo em baixo da arvore maior uma pequena planicie.*)

SALOIA, *entra, cantando.*

Mui bellas fructas
Venho vender,
E meus freguezes
Podem escolher ;
Caiam os cobrinhos
Sem mais demora,
Que eu vendendo
Vou já me embora.

SALOIO, *entra e canta.*

Mudei de sitio
Venho sósinho,
Para arranjar
Meu negocinho;
Caiam os cobrinhos
Sem mais demora,
Que eu vendendo
Vou já me embora.

DECLAMA.

Lá vejo outra alli mercando
A illudir a toda gente.

SALOIA, *declama.*

Outro vejo alli mercando,
Farei negocio mui deligente.

(*Vae para sahir, porém o Saloio embarga-lhe a sahida.*)

SALOIO, *canta.*

Venha cá, bella cachopa,
Porque de mim vae fugindo,
Se de mim tu tens receio
Eu d'aqui já vou sahindo;
Se zangado me mostrei
E' porque não vi o rosto,
Agora estou mais contente,
Faço negocio com gosto.

Ai peixinhos,
Bem fresquinhos,

Tão bonsinhos,
Qu'elles são ;
Enxovinhas
E tainhas,
Baratinhas,
Com rasão.

SALOIA, *idem.*

Se procurei este logar,
E' que queria ficar sósinha,
E por outras razões
Abandonei irmãs minhas ;
Ellas todas estão na feira
Para fazendas mercar,
E eu aqui com o senhor,
Não posso negociar.

Bello figo,
Lima de umbigo,
Aqui comigo
Trago até ;
Boa pera,
Lá da feira,
Sem asneira
Tenho, olé!

SALOIO, *idem.*

Tambem tive o mesmo intento
E pensei da mesma sorte,
E nós ambos reunidos
Faremos negocio forte ;

Eu com peixe, tu com fructas,
Faremos negocião ;
E da nossa sociedade
Só faremos figurão.

Ai peixinhos,
Bem fresquinhos,
Tão bonsinhos,
Qu'elles são ;
Enxovinhas,
E tainhas,
Baratinhas
Com razão.

SALOIA, *idem*.

Se vosmecê me promette
Nosso negocio apurar,
Podemos neste ponto
A sociedade formar ;
Eu com fructas, tu com peixes
Quiz fazer negocião,
E da nossa sociedade
Só faremos figurão.

Bello figo,
Lima de umbigo,
Aqui comigo
Trago até ;
Boa pera,
Lá da feira,
Sem asneira,
Tenho, olé!

SALOIO E SALOIA, *passeando de um a outro lado, declamam.*

Vamos a compra senhores,
Peixes e fructas comprar,
Viajantes desta estrada
Venham p'ra lucros nos dar.

(*Apparece o Soldado em uma das entradas.*)

SOLDADO, *entra, declama.*

Oh! que bella sociedade
Encontro neste logar!...

SALOIO E SALOIA, *declamam.*

Venha, venha, meu senhor,
Nossa fazenda comprar.

SOLDADO, *canta.*

Já encontrei o que queria
Sahi sómente a passear,
E vejo aqui bons companheiros
Para bella pandega formar.

Viva a pandega,
Viva a festa,
E bom vinho, é beber;
Viva a pandega,
Viva a festa,
Que tão boa vou fazer.

SALOIO E SALOIA, *idem.*

Puro engano, meu amigo,
Nós queremos só vender;

SOLDADO, *idem.*

Não se zanguem comigo,
Pois que lucros só vão ter.

Viva a pandega,
Viva a festa,
E bom vinho, é beber ;
Viva a pandega,
Viva a festa,
Que tão boa vou fazer.

(*Para a Saloia.*)

Você traz estas fructinhas,

(*Para o Saloio.*)

E você tem o peixinho,
Temos pois tudo arranjado,
Eu dou o pão e dou o vinho.

Viva a pandega,
Viva a festa,
E bom vinho, é beber ;
Viva a pandega,
Viva a festa,
Que tão boa vou fazer.

SALOIO, *idem, para a Saloia.*

Diga você o que acha nisto,
Se quer ao negocio annuir?

SALOIA, *idem, para o Saloio.*

Acho que a gente a vender
Podemos nos divertir.

OS TRES, *idem.*

Viva a pandega,
Viva a festa,
E bom vinho, é beber;
Viva a pandega,
Viva a festa,
Que aqui vamos fazer.

SALOIO, *para o Soldado, declama.*

Dae-me de vosso vinho!

SALOIA, *idem.*

Dae-me de vosso pão!

SOLDADO, *para a Saloia, idem.*

Dae-me de vossa fructa!
E demos começo a funcção.

SALOIO E SALOIA, *cantam.*

A vida no campo
E' sempre invejada,
Pela da cidade
Ella é procurada;
Bebamos, bebamos,
Alegres, contentes,
Só disfructa a vida
Essa boa gente.

SOLDADO, *declama.*

Neste ponto estou comvosco,
De prazer aqui se ver ;

SALOIO E SALOIA, *idem.*

Não podeis avaliar,
Porque cumpre um dever.

SOLDADO, *canta.*

Mas um soldado,
Sempre cançado,
Passa sua vida
Sempre a lidar ;
E quando pensa
Qu'elle tem folga,
O armamento
Já vae limpar.

Porém hoje que estou destinado,
Quero na pandega approveitar ;
Enquanto não ouço o som da corneta,
Tra lá lá com força tocar.

Bebamos, bebamos,
Alegres, contentes,
Só disfructa a vida
Essa boa gente.
Bebamos, bebamos,
Alegres, contentes,
Um copo e mais outro
Do vinho excellente.

SALOIA, *aponta para a entrada e declama.*

Alli vem um passageiro!...

SALOIO, *idem.*

Se elle trouxer dinheiro?...

SOLDADO, *idem.*

Fica na Sociedade.

MARINHEIRO, *apparecendo na entrada, declama.*

Viva a rapaziada!...

(Entra e dirige-se para o grupo.)

SALOIA, *apresentando a cesta de fructas, declama.*

Meu senhor, tenho aqui fructas,
Desejo todas vender.

MARINHEIRO, *examinando, idem.*

Se forem doces, bonitas,
Compro todas, deixe ver.

SOLDADO, *oppondo-se, idem.*

Esta cesta está com prada!...

SALOIA, *apresenta outra cesta, idem.*

Aqui tem, queira escolher.

MARINHEIRO, *idem.*

Estou resolvido a tudo,
Com tanto que deixe ver.

SOLDADO, *oppondo-se, idem.*

Esta tambem, alto frente!

MARINHEIRO, *idem.*

Então não me cede a metade?

SOLDADO, *idem.*

Estas fructas não se vendem,
Que são para a patuscada.

MARINHEIRO, *idem.*

Queiram então admittir-me
Como a um bom camarada.

SOLDADO, *idem.*

Nós vamos pr'aquella sombra
Nos divertir um bocado.

MARINHEIRO, *idem.*

Veja lá quanto me toca,
Quero ser interessado.

(*Dirigem-se todos para debaixo da arvore, sentam-se na relva.*)

ISABEL E DÓRA, *entram, cantando.*

Já procuramos no prado,
Toda campina corremos;
Entre flôres de mil côres
O lindo cravo colhemos.

E com as cestas bem cheias
Já podemos descançar,
Formando lindas capellas,
Para a Jesus offertar.

SOLDADO, *levanta-se, dirige-se ás Pastoras, e canta.*

Venham cá, bellas meninas,
Para a nossa Sociedade,
Podem aqui ficar sem susto,
Comnosco não ha novidade.

ISABEL E DÓRA, *cantam.*

Nós procuramos lindas flôres,
Para o Menino offerecer;
E vamos muito ligeiras
Asistir ao seu nascer.

MARINHEIRO, *levantando-se declama.*

Então que menino é esse,
Que tem tanta primazia?

ISABEL E DÓRA, *declamam.*

E' o Menino Jesus,
Filho da Virgem Maria.

(*Saloio e Saloia, levantando-se.*)

MARINHEIRO, *canta.*

Olé! sinto um tal prazer,
Que de alegria estou louco;
E a saúde do Menino,
Vou beber mais um pouco.

ISABEL E DÓRA, *cantam.*

Viva o feliz dia,
De tantas venturas,
Em que Deus baixou,
Para as creaturas.

Parabens, viventes,
Hoje somos ditosos,
Baixou Deus do céo a terra,
Para sermos venturosos.

Todos sem demora,
Devemos seguir,
Para o Menino
Irmos applaudir.

(*Sahem repetindo a ultima quadra.*)

MARINHEIRO, *declama.*

Meus senhores, nem mais um instante
Nós devemos neste sitio ficar!...
Já deviamos estar a caminho
Para com gosto a Jesus ir louvar.

TODOS, *idem.*

Nós vamos para Belém
Já de viagem formada,
Aqui já não demoramos,
Vamos caminho da estrada.

VELHO, *entra e canta.*

O povo todo já correu
Pela estrada de Belém,

E' preciso irem correndo
Para lá chegar tambem.

O que fazem inda aqui
Que não marcham p'ra Belém
Pois não sabem que é nascido,
Nosso Deus e Summo Bem.

Eu sou velho e bem velho
Podia na cabana ficar,
Para lá sigo depressa
Para a Jesus ir louvar.

(*Todos fazendo evoluções, cantam.*)

A' nossa jornada,
E sem descançar,
Vamos contentes
A Jesus louvar.

VELHO, *idem.*

Cantemos louvores
Ao Senhor dos céos,
Meninos, cantemos,
Ao filho de Deus.

(*Todos repetem.*)

A' nossa jormada
E sem descançar,
Vamos contentes
A Jesus louvar.

Ao sacro Menino,
Ao seu nascimento,

Devemos louvar
Neste momento.

Viva a liberdade,
A nossa união,
Que Jesus nasceu
De bom coração.

Ao sacro Menino,
Ao seo nascimento,
Devemos louvar
Neste momento.

Vamos de caminho
Para Belém,
Adorar Jesus
Para nosso Bem.

Viva a liberdade,
A nossa união,
Que Jesus nos deu
De bom coração.

(Todos repetem, sahindo em marcha e desapparecem.)

SEGUNDA PARTE

REISADOS E CHEGANÇA

REISADO DO ZÉ DO VALLE

Minha mãi assuba (1),
Falle como gente;
Assuba a palacio,
Falle ao presidente.
Pegue no caboclo,
Dê-lhe com bordão;
Qu'elle foi a causa
Da minha prisão.
A minha prisão
Foi ao meio-dia,
Nas casas estranhas
Com grande agonia.
O' senhor meu pai,
Capitão-tenente,
Cada pé de canna
Era um pé de gente.
Morto de fome,
Morto de sêde,

(1) Sylvio Roméro, « Cantos populares do Brazil ».

Só me sustentava
Em canninha verde.
— « Dona por aqui?
Grande novidade...
« Vim soltar um preso
Cá n'esta cidade...
Senhor presidente,
Se dinheiro vale,
Trago aqui dez contos,
Solte o Zé do Valle
— « Dona, va-se embora,
Qu'eu não solto não,
Que seu filho é máu,
Tem ruim coração,
Matou muita gente
Lá n'esse sertão;
Da minha justiça
Não faz conta, não.
« Tenho meu lacaio
De minha estimação,
P'ra *seu* presidente
Não tem preço, não.
Senhor presidente,
Peço incontinente,
Solte o Zé do Valle,
Pelo Sacramento!
— Senhor presidente,
Não abra a porta, não;
Se eu sahir na rua,
Faço exalação... (1)

(1) Desordem com resistencia, ferimentos.

Minha mãi, va-se embora,
Deixe de cegueira,
Qu'eu hei de ser solto
No Rio de Janeiro.
Quem tiver seu filho
Dê-lhe ensinação,
P'ra nunca passar
Dôr de coração,
Quem tiver seu filho
Dê-lhe todo o dia,
Ao depois não passe
Dôres de agonia.
Adeus, minha mãisinha,
Mãi do coração;
Dê lembranças á Anninha
E a mano João;
Mana, va-se embora,
Guarde o seu dinheiro,
Qu'eu vou me soltar
No Rio de Janeiro.

CHEGANÇA DOS MOUROS

O cordão dos Christãos entra, tocando e cantando.

TODOS.

O sol, quando nasce (1),
Nasce de leste,
Não se recolhe agora
Senão quando Deus quizer.

Ouvem-se rufos de caixas de guerra, embates de espadas, etc.

Vamos dar desembarque,
Olá da prôa,
O' meu gageiro grande;
Sóbe lá riba,
Vira pela prôa,
Que o vento é tanto
Que nos atormenta!...

Ferra aquelle panno,
Oh! que temporal!

(1) Mello Moraes Filho, « Festas do Natal ».

Que Nossa Senhora
Nos ha de ajudar!...

TODOS.

Quando na barra chegamos,
Todos com muita alegria,
Foi p'ra cantarmos louvores
Ao rosario de Maria.

COMMANDANTE.

Demos fundo, companheiros,
Com prazer e alegria,
P'ra louvarmos o festejo
Do rosario de Maria.

LÔAS.

Vi o sol illuminando,
As estrellas scintillando,
Eu vi de novo cantando
O passarinho saudoso :
E parti — fui confiante
De ver a pompa do dia,
E a quem nós vamos louvar,
O rosario de Maria.

Eu vi em Anna um thesouro
De grande sabedoria;
Topei Anna na cadeira
A ensinar a Maria!
Maria visitando a Maria,
Foi a flôr da christandade ;
Pois n'ella foi encarnada
A Santissima Trindade.

CALAFATINHO.

Trago fazendas mimosas
Para vender no Brazil,
Trago dois topes de flôres
Para as moças do Brazil.

Dou-te vinte e tres cruzados
Pela fazenda que trazes;
Se não quizeres vender
Vou queixar-me ao commandante,
Que estás vendendo contrabando
Dentro desta embarcação.

CALAFATINHO.

Saberá Vossa Excellencia,
Meu tenente-general,
Que este guarda-marinha
Aqui nos quer acabar.

Saberá Vossa Excellencia,
Meu capitão mar-de-guerra,
Estas fazendas que trago
Foram *offradas* em terra.

COMMANDANTE.

Olá, ó carcereiro,
Tenho muita da razão,
Pegue já n'este guarda
Vá mettel-o na prisão.

CALAFATINHO.

Olá, senhor piloto,
A quem pretendo rogar,
A prisão é rigorosa,
N'ella pretendo acabar.

PILOTO.

O' meu nobre commandante,
Dizei-me porque razão,
Vós aqui prendeis o chefe
D'esta nossa embarcação?

COMMANDANTE.

Prendi o chefe, prendi,
Foi com muita da razão;
Foi um falso e um traidor
A esta nossa embarcação.

Vamos! Sem mais demora
Este guarda solte já;
Hoje é dia de festejo,
Não costumo castigar.

CALAFATINHO.

Graças, oh! céos,
De todo meu coração,
Que já 'stou livre dos ferros,
Bailando n'este cordão.

Já não posso mais cantar,
Já não posso mais bailar,

Que esta lida tão cançada
Me hade um dia matar,
Para poder descançar.

MESTRE.

Vem cá, meu calafatinho,
Não te ponhas a arrasoar,
Toma lá tua ração,
Vae o leme governar.

CALAFATINHO.

Senão, quando eu fôr ao leme,
Quando o posto me tocar,
Hei de deitar-me a dormir
Vae o leme governar.

COMMANDANTE.

Arre! arre!...
Quem está aqui?...
Com tanto barulho
Não posso dormir!

CALAFATINHO.

E' meu mestre e meu piloto,
Que de mim se quer vingar.

COMMANDANTE.

Arreda! arreda tudo,
Que me quero despicar!...

OFFICIAL.

O' meu mestre e meu patrão,
Ouvi o caso á feição.

COMMANDANTE.

Que ao cão deste bregeiro
Os ossos quero quebrar,
Com esta faca de ponta
A todos faço arredar.

TODOS.

O' meu mestre e meu patrão,
Ouvi o caso á feição.

COMMANDANTE.

Gageiro grande, sóbe á riba
A ver se avistas terra...

GAGEIRO.

Na linha, eu vejo tres velas,
Velejam a barla-vento...
Eu não sei o que farei
Para lhes tomar o tento.

COMMANDANTE, *assestando o oculo e reconhecendo o navio dos Mouros.*

Senhor do céo, eu perco o tino,
E' não de guerra e de Algerino;
Vem Algerino na prôa
Velejando a barla-vento.

REI CHRISTÃO.

Alerta! alerta todos comigo!
Venham ver eu arrasoar

Com este mouro e inimigo!...

No correr da scena e do canto, o Rei Christão se enfurece, brande no ar a espada e exclama :

REI CHRISTÃO.

Digam adeus ao desgraçado;
Espada fóra, senhores officiaes!...

OFFICIAES.

Senhor, eu ferirei
E tornarei a ferir,
Para que vossa corôa
Nos deva governar :
Derramarei o meu sangue
Pela corôa real.

TODOS.

Juremos todos
Pela bandeira real;
Quem ao meu rei aggredir,
A sete leguas irei buscar;
Derramarei o meu sangue
Pela corôa real.

COMMANDANTE.

Preparem-se as baterias
Que estou com o inimigo defronte!...
A vossa náo quasi na prôa...
Nos valerá a piedade
Do rosario de Maria!

O Commandante ajoelha-se, ergue ao céo as mãos postas e exclama :

COMMANDANTE.

Jesus, neto de Santa Anna,
Filho da Virgem Maria,
Não permittaes que eu seja
Prisioneiro na Turquia.

Campos, bosques, flôres, terra,
Elle é triste, é sem ventura,
Triste e mal afortunado.

Não permittaes que Lirindo
Chame a mim seu bem amado;
Eu sou triste e sem ventura,
Triste e mal afortunado.

ARTILHEIRO.

Saia fóra a artilharia,
Não tenha medo, nem pejo :
Sargento, fogo na peça,
Quem faz a guerra nos veja.

Sou um guerreiro artilheiro,
Trago bombas e granadas
P'ra com o Mouro brincar.

EMBAIXADOR MOURO.

Tambem vosso commandante
Deu palavra em demasia,
Hei de fazer fogo em frente
E tambem na artilharia.

COMMANDANTE.

Onde está o capellão
Aqui desta embarcação,
Que a marujada pede
De pressa absolvição?!...

CAPELLÃO.

Eu vos absolvo,
Filho do coração,
A Virgem Nossa Senhora
De nós tenha compaixão.

ARTILHEIRO.

Senhor padre capellão,
Faça meios de viver;
Não se fie em orações,
Que tambem póde morrer.

CAPELLÃO.

Se matardes a correr
Minha mão sagrada está:
Dê-me um jogo de pistolas
Que te ajudarei a matar.

EMBAIXADOR MOURO.

Licença, licença, senhores,
Nesta náo eu quero entrar,
Para dar a embaixada
Que o Sultão me manda dar.

Já te salvo, ó Excellencia,
Ouvi-me com grão valor,

Para dar-te a embaixada
Que te manda o meu senhor.

REI CHRISTÃO.

Quem é o teu senhor?
Quem é o teu senhor?

EMBAIXADOR MOURO.

E' o Grão-Sultão, senhor da Mauritania, que por mim prender-te manda.

REI CHRISTÃO.

Senta-te, Embaixador, dize a mim o que pretende o teu senhor.

EMBAIXADOR MOURO.

O meu monarcha, que por mim saudar-te envia, manda-me dizer-te que te faças mouro e voltes comigo para a Mauritania. Elle te offerta todos os seus thesouros para comtigo se achar.

REI CHRISTÃO.

Olá, Embaixador! vê como dás a embaixada com razão mais moderada!...

EMBAIXADOR MOURO.

Este é o modo que aprendi com o Grão-Sultão, senhor da Mauritania, que por mim saudar-te manda.

REI CHRISTÃO.

Olá, general! não fosses um embaixador

illustre, com este punhal no peito te viraria de bruços.

TODOS.

Lá se vae o Embaixador
Cheio de raiva e furor;
Da nossa razão ás ameaças,
Do nosso governador.

REI CHRISTÃO.

Este Algerino me veio affrontar,
Cheguem soldados e rufem tambores,
Promptos estamos p'ra pelejar.

(Terminando o canto d'este verso, trava-se renhido combate entre Christãos e Mouros, os artilheiros acendem bombas que atiram de parte a parte, ao manejo enthusiastico dos Christãos, que fazem tinir contra as dos inimigos as suas espadas de ferro.)

CHRISTÃO.

Cutila, cutila,
Toca a cutilar!
Estamos em campanha,
Toca a degolar.

REI MOURO.

Não me toca Mafoma,
Como hei de me entregar?
Inda tenho o masculino
Que não me ha de faltar.

REI CHRISTÃO, *cantando.*

Entrega-te, Mouro,
Que preso estás;
Por ordem do rei
Que te manda buscar.

(*A peleja vae mais intensa, mais instrumentada de rumores de armas e de vozes, até que o Rei Mouro finge entregar-se. Durante esta scena, porém, o filho do Rei Mouro e o Secretario entram, e o*)

REI CHRISTÃO, *diz :*

Entrega-te, Mouro!...

REI MOURO, *cantando.*

Se eu soubesse que no Brazil
Havia tanta coragem,
Ha mais tempo eu aqui vinha
Trazer minha vassalagem.

REI CHRISTÃO.

Se tu queres ser louvado
E ver teu filho coroado...

UM MOURO.

Mouro, tu não te dissestc
Homem de tanto valor,
Como foste prisioneiro
Do Christão enganador?!...

CÔRO.

Se tu queres ser louvado
E ver teu filho coroado...

REI MOURO.

(*Rei Mouro, que resiste para não ser baptisado.*)

Pasmado de tudo que vejo, vejo meu filho e sobrinho rendido á belleza... Com este punhal que tenho, traspasso o meu coração; botae-me no inferno, escuro como a morte...

. . . .

(*A luta recomeça, rufam caixas de guerra, os personagens levam a acção ao apogêo, seguindo-se a tudo o baptismo do Rei Mouro, as salvas da embarcação que lhes serve de scenario, aos cantos triumphaes de ambos os cordões, terminando pela côro.*)

CÔRO.

Se quizeres ser louvado
Com prazer e alegria,
Vamos adorar Jesus,
Filho da Virgem Maria.

O BUMBA-MEU-BOI

SCENA I

O CAVALLO-MARINHO, A DANSAR, E O CÒRO

CÔRO.

Cavallo-marinho (1)
Vem se apresentar,
A pedir licença
Para dansar.
Cavallo-marinho,
Por tua tenção,
Faz uma mesura
A seu capitão.
Cavallo-marinho
Dansa muito bem :
Póde-se chamar
Maricas meu bem.
Cavallo-marinho

(1) Sylvio Roméro, « Cantos populares do Brazil ».

Dansa bem bahiano :
Bem parece ser
Um pernambucano.
Cavallo-marinho
Vai para a escola,
Aprender a lêr
E tocar viola.
Cavallo-marinho
Sabe conviver ;
Dansa o teu balanço
Que eu quero vêr.
Cavallo-marinho,
Dansa no terreiro ;
Que o dono da casa
Tem muito dinheiro.
Cavallo-marinho,
Dansa na calçada ;
Que o dono da casa
Tem gallinha assada.
Cavallo-marinho,
Você já dansou,
Mas porém lá vae,
Tome que eu lhe dou.
Cavallo-marinho,
Vamos-nos embora ;
Faze uma mesura
A' tua senhora.
Cavallo-marinho,
Por tua mercê,
Manda vir o boi
Para o povo vêr.

SCENA II

O AMO, O ARLEQUIM, O MATHEUS, O BOI,
O CÔRO, O SEBASTIÃO E O FIDELIS

AMO.

O' arlequim,
O' peccados meus,
Vae chamar Fidelis,
E tambem Matheus.
O' meu Arlequim,
Vae chamar Matheus,
Venha com o boi
E os companheiros seus.

ARLEQUIM.

O' Matheus, vem cá,
Sinhô está chamando ;
Traze o teu boi,
E venhas dansando.
Só achei o Matheus,
Não achei Fidelis ;
Bem se diz que negro
Não tem dó da pelle.

AMO.

O' Matheus, cadê o boi?

MATHEUS.

O'lá, ólá, ólá,
Boio tá pr'a cá,

Boio tá p'ra cá...
Si minha boio chegou
Eu tá aqui;
E que foi esse
Pur aqui
O meu xinho?
Cadêl-o Bastião,
Cadêl-o Fidére?
Para onde fôro?
Venha cá vocês (*para o Côro*)
E tambem o boio.

(*Entra o boi.*)

CÔRO.

Vem, meu boi lavrado,
Vem fazer bravura,
Vem dansar bonito,
Vem fazer mesura.
Vem fazer mysterios,
Vem fazer belleza;
Vem mostrar o que sabes
Pela natureza.
Vem dansar, meu boi,
Brinca no terreiro;
Que o dono da casa
Tem muito dinheiro.
Este boi bonito
Não deve morrer;
Porque só nasceu
Para conviver.

MATHEUS.

O boio, dare de banda,
Xipaia esse gente,
Dare p'rá trage,
E dare p'rá frente...
Vem mãi p'ra baxo,
Roxando no chão,
E dá no pai Fidére
Xipanta Bastião...
Vem p'ra meu banda
Bem difacarina,
Vae mettendo a testa
No Cavallo-Marinho.
O, ó, meu boio,
Desce d'essa casa,
Dansa bem bonito
No meio da praça...
Toca esse viola,
Pondo bem miudo;
Minha boio sabe
Dansá bem graúdo.

CÔRO.

Toca bem esta viola
No bahiano gemedô,
Que o Matheus e o Fidelis
São dois cabras dansadô.
No passo do jurity,
Tico tico roxinó,
Si Fidelis dansa bem,
O Matheus dansa milhó

O tocadô da viola
Tem os olhos muito esperto,
O som da sua viola
Parece-me um céo aberto.
Eu quero boa viola
Para fazer toda a festa,
O bom pandeiro concerte
O samba na floresta.
Eu fui dos que nasci
Na maré dos caranguejo,
Quanto mais carinhos faço,
Mais desprezado me vejo.
Como sou filho do povo,
Tenho o dom da natureza;
Não sou feliz, mas bem passo
Com toda a minha pobreza.
Danse o boi, danse o Matheus,
Dansem todos os vaqueiros;
Dansem que hoje nós temos
Grande festa no terreiro.

MATHEUS.

Pára, pára, pára!
Quero dizê um recado :
— Boio dansou, dansou,
Mai agora tá deitado!

SEBASTIÃO.

Ah! pracêro meu,
Boio de sinhô moreu...

MATHEUS.

A timbora, bobo,
O boio divertiu muito,
Agora ficou cançado;
Toca bico do ferrão,
P'ra tu vê como arrevira
E te dá no chão.

SCENA III

(Os mesmos, o Doutor, Capitão do Matto, D. Frigideira, Catharina, e o Padre; cahido o Boi, foge Fidelis, chama-se um Capitão do matto para o prender; e um Doutor para curar o Boi; apparece um Padre para fazer o casamento de Catharina.)

MATHEUS.

Minha boio morreu!
Que será de mim?
Manda buscá outro
Lá no Piauhy.

AMO.

O' Matheus, cadê o boi?

MATHEUS.

Sinhô, o boio morreu...

(Sahe o Matheus, espancado pelo Amo.)

AMO.

O' Matheus, vá chamar
O doutor para curar
O meu rico boi :
Quero saber do Fidelis
Para onde foi.
O' Sebastião, vá a toda a pressa,
Chame o Capitão do matto,
Dê as providencias,
Que traga o Fidelis
Na minha presencia.

(*Chegando o Doutor, ajusta com o Amo a cura do Boi ; chegam D. Frigideira e Catharina, e Sebastião quer casar com esta ; apparece o Padre para este fim.*)

PADRE.

Quem me ver estar dansando
Não julgue que estou louco ;
Não sou padre, não sou nada ;
Singular sou como os outros.

CÔRO.

O' gente, que quer dizer
Um padre n'esta funcção?
E' signal de casamento,
Ou d'alguma confissão.

PADRE.

Bula bem na prima,
Bata no bordão ;

Leva arriba a funcção,
Não se acabe não.

DOUTOR PARA MATHEUS.

O' negro, teu desaforo
Já chegou aonde foi;
Quando tu me chamares
E' p'ra gente e não p'ra boi.

MATHEUS.

Ah! uê, ah! uê!
Troco miudo
Tu vae recebê.

(O Capitão do matto dá com o Fidelis e vai prendel-o.)

CAPITÃO.

Eu te atiro negro,
Eu te amarro, ladrão,
Eu te acabo, cão.

(O Fideles vae sobre o Capitão e o amarra.)

CÔRO.

Capitão de campo,
Veja que o mundo virou,
Foi ao matto pegar negro
Mas o negro lhe amarrou.

CAPITÃO.

Sou valente afamado,
Como eu póde não haver:
Qualquer susto que me fazem
Logo me ponho a correr.

A BORBOLETA DO NATAL

Lundú popular do Norte.

REISADO DA BORBOLETA

CÔRO.

Borboleta, benitinha (1),
Saia fóra do rosal,
Venha cantar doces hymnos, } *bis.*
Hoje noite de Natal.

BORBOLETA.

Deus lhe dê mui boas noites,
Boas noites lhe dê Deus ;
Que eu não sou mal ensinada ; } *bis.*
Ensino meu pai me deu.

CÔRO.

Borboleta bonitinha,
Saia fóra do rosal,
Venha cantar doces hymnos, } *bis.*
Hoje noite de Natal.

(1) Sylvio Roméro, « Cantos populares do Brazil ».

BORBOLETA.

Eu sou uma borboleta,
Sou linda, sou feiticeira;
Ando no meio da casa, } *bis.*
Procurando quem me queira. }

CÔRO.

Borboleta bonitinha,
Saia fóra do rosal,
Venha cantar doces hymnos, } *bis.*
Hoje noite de Natal. }

BORBOLETA.

Eu sou uma borboleta,
Verde da côr da esperança,
Ando no meio da casa, } *bis.*
Com alegria e bonança. }

CÔRO.

Borboleta bonitinha,
Saia fóra do rosal,
Venha cantar doces hymnos, } *bis.*
Hoje noite de Natal. }

BORBOLETA.

Eu sou uma borboleta,
Vivo de ar e de luz;
Ando no meio da casa, } *bis.*
Com minhas azas azues. }

CÔRO.

Borboleta bonitinha,
Saia fóra do rosal,
Venha cantar doces hymnos, } *bis.*
Hoje noite de Natal.

BORBOLETA.

Adeus, senhores, adeus,
Já são horas de partir;
Entre a bonina e a açucena } *bis.*
Já são horas de dormir.

CÔRO.

Borboleta bonitinha,
Saia fóra do rosal,
Venha cantar doces hymnos, } *bis.*
Hoje noite de Natal.

TERCEIRA PARTE

LUNDÚS E MODINHAS

DE CALDAS BARBOSA

CHUCHAR NO DEDO

Ai de mim, que amor me manda
Soffrer seu cruel brinquedo,
Aos outros faz doces mimos,
E cá, eu chucho no dedo.

Pobre de mim,
Ai coitadinho!
Fico chuchando
No meu dedinho.

Todos os mais que amor servem
Tem seu premio, ou tarde ou cedo;
Gostam das suas doçuras,
E cá, eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Hei de me poupar amando,
Ir servindo sempre a medo,
Porque os outros lambem tudo,
E cá, eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Tomára ser venturoso
Ao menos em arremedo ;
Porque os outros andam fartos,
E cá, eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Amor, o inquieto amor,
Nunca mais póde estar quedo ;
Mas aos outros accommoda,
E cá, eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Quem vir qu'eu já fujo a amor
E que de amor já me arredo,
E' que trata bem a todos,
E cá, eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Ando de amor esfaimado
Já o digo sem segredo ;
Que dá aos outros ração,
E cá, eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Adeus, eu me vou embora,
Até um dia bem cedo ;
Ficae-vos de amor fartando,
E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

Não quero de amor fallar
Porque de amor tenho medo ;
Poz-me o seu dedo na boca
E cá eu chucho no dedo.

Pobre, etc.

SOU INFELIZ

Chamam-me ingrato,
Mente o que o diz ;
Não o sei ser,
Nem nunca eu quiz.

Sabe o que sou?
Sou infeliz.

Negras lisonjas,
Mentiras vis,
Não sei dizel-as,
Nem nunca eu quiz.

Sabe, etc.

Usar de enganos
Traças subtis,
Não é meu genio,
Nem nunca eu quiz.

Sabe, etc.

Se Arminda é varia,
Diz e dediz,
Tomar-lhe a moda
Nunca eu tal quiz.

Sabe, etc.

Quiz merecel-a,
Quiz ser feliz,
Mas constragel-a
Nunca eu tal quiz.

Sabe, etc.

Só de adoral-a
Me satisfiz,
Premio forçado
Nunca eu tal quiz.

Sabe, etc.

Ella deixou-me,
Seu modo o diz,
Eu não a deixo,
Nunca eu tal quiz.

Sabe, etc.

MENTE, MENTE

Escutae, pobres amantes,
Um amante experiente,
A mulher que diz que ama
Certamente mente, mente.

Se um amante carinhoso
Lhe faz ver amor ardente,
Ella lhe promette o premio,
Certamente mente, mente.

E' um gosto vêr a amada
Diante de muita gente,
Protestando ter fé pura
Certamente mente, mente.

Pois se o pobre falla a outra
Bem cortez e bem prudente,
Ella finge ter ciume,
Certamente mente, mente.

12.

Se acaso do triste amante
Algum tempo esteve ausente,
Ella jura ter saudades,
Certamente mente, mente.

TENHO MEDO DO PAPAO !

Amor nasce pequenino,
Faz-se logo tamanhão...
Tamanho que mette medo...
Tenho medo do papão.

Traz n'uma mão o seu arco,
As settas na outra mão;
Tenho medo que me fira...
Tenho medo do papão.

Põe nos olhos certo engodo,
E na voz certa attracção ;
Assim prende a pobre gente...
Tenho medo do papão.

Inda me lembra algum dia
Que arrastei o seu grilhão ;
Os signaes inda me dóem...
Tenho medo do papão.

Amor faz-se rouxinol,
Canta e papa o coração;
Não quero que o meu me pape...
Tenho medo do papão.

O SEU MOLEQUE SOU EU

Eu tenho uma Nhanhásinha
A quem tiro o meu chapéo ;
E' tão bella, tão galante,
Parece cousa do céo,

Ai céo!
Ella é minha vovó,
O seu moleque sou eu.

Eu tenho uma Nhanhásinha
Qu'eu não a posso entender :
Depois de me vêr penar,
Só então diz que me quer.

Ai, etc.

Eu tenho uma Nhanhásinha
A melhor que ha nesta rua ;
Não ha dengue como o seu,
Nem chulice como a sua.

Ai, etc.

Eu tenho uma Nhanhásinha
Muito guapa, muito rica :
O ser formosa me agrada,
O ser ingrata me pica.

Ai, etc.

Eu tenho uma Nhanhásinha
De quem sou sempre moleque ;
Ella vê-me estar ardendo,
E não me abana c'o leque.

Ai, etc.

Eu tenho uma Nhanhásinha
Por quem chora o coração,
E tanto chorei por ella,
Que fiquei sendo chorão.

Ai, etc.

RAIVAS DE GOSTO

Eu gosto muito de Armania
Que é mui dengue, é mui mimosa :
Que meiga a todos agrada,
E até me agrada raivosa.

O céo taes graças lhe deu,
Que ainda raivosa é bella ;
E se não que o diga eu,
Que gosto das raivas della.

Vou enraivecer Armania
Que tem raiva graciosa,
As mais vencem por meiguice,
Ella vence até raivosa

O céo, etc.

O seu terno coração
Vigia mui caprichosa ;
E, inda que elle queira amar,
Ella não quer de rainosa.

O céo, etc.

Gosto das suas raivinhas,
Que avivam a côr de rosa;
Eu gosto de a ver córada,
Por isso a quero raivosa.

O céo, etc.

Eu com quatro palavrinhas
De idéa artificiosa,
Vou tiral-a do seu serio,
Eu quero vêl-a raivosa.

O céo, etc.

Tremei, amores, tremei;
Tremei, turba presumpçosa;
Jurou a vossa ruina
Armania que está raivosa.

O céo, etc.

Quer soffrer á sua custa
A raiva assim virtuosa;
Não hade amar, porém hade
Ser amada, assim raivosa.

O céo, etc.

TAPE, TEPE, TIPE, TI

Coração, que tens com Lilia?
Desde que seus olhos vi,
Pulas, e bates no peito,
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, não gostes d'ella ;
Que ella não gosta de ti.

Quando anda, quando falla,
Quando chora, quando ri,
Coração, tu não socegas,
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

Já te disse que era d'outro,
Coração, não te menti ;
Mas tu, coitado ! te assustas,
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

Aquelle modo risonho
Não é, nem foi para ti ;
Basta, louco, e não estejas
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

Um dia, que me affagava,
Zombava, eu bem percebi :
Era por gostar de ver-te :
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

Coração, tu não me enganes,
Todo o teu mal vem d'alli :
Tu palpitando te explicas,
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

E' amavel, mas não ama ;
Eu já mesmo te adverti ;
E tu mui nescio teimando.
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

Se tu leres nos seus olhos,
O que eu com meus olhos li ;
Talvez te não cances tanto,
Tape, tepe, tipe, ti :

Coração, etc.

E' MUNDO, DEIXA FALLAR

Depois que eu te quero bem,
Deu o mundo em murmurar,
Porém que lhe hei de eu fazer?
E' mundo, deixa fallar.

Não te enfades, menina,
Deixa o mundo fallar.

Sabes porque falla o mundo?
E' só por nos invejar;
Elle tem odio aos ditosos,
E' mundo, deixa fallar.

Não, etc.

As loucas vozes do mundo
Tu não deves escutar,
Pois que sem razão murmura,
E' mundo, deixa fallar.

Não, etc.

Ouve só a quem te adora,
Que anda por ti a bradar;
Dos outros não faças caso,
E' mundo, deixa fallar.

Não, etc.

Menina, vamos amando,
Que não é culpa o amar;
O mundo ralha de tudo,
E' mundo, deixa fallar.

Não, etc.

Que fazem nossos amores
Para o mundo murmurar?
E máo costume do mundo,
E' máo costume do mundo,

Não, etc.

Sempre todos me hão de vêr
Por meu bem a suspirar;
Se disto fallar o mundo,
E' mundo, deixa fallar.

Não, etc.

Ah meu bem, não pretendamos
Do povo a boca tapar;
Bem sabes que o povo é mundo,
E' mundo, deixa fallar.

Não, etc.

AMOR BRAZILEIRO

Cuidei que o gosto de amor
Sempre o mesmo gosto fosse,
Mas um amor brazileiro
Eu não sei porque é mais doce.

Gentes, como isto
Cá é temperado,
Que sempre o favor
Me sabe a salgado;
Nós lá no Brazil
A nossa ternura,
A assucar nos sabe,
Tem muita doçura.
Oh se tem! tem...
Tem um mel mui saboroso;
E' bem bom, é bem gostoso.

As ternuras desta terra
Sabem sempre a pão e queijo,
Não são como no Brazil
Que até é doce o desejo.

Gentes, etc.

Ah! nhanhã, venha escutar
Amor puro e verdadeiro,
Com preguiçosa doçura
Que é amor de brazileiro.

Gentes, etc.

Os respeitos cá do reino
Dão a amor muita nobreza,
Porém tiram-lhe a doçura
Que lhe deu a natureza.

Gentes, etc.

Quando a gente tem nhanhã
Que lhe seja bem fiel,
E' como no reino dizem :
Cahiu a sopa no mel.

Gentes, etc.

Se tu queres que eu te adore
A' brazileira, hei de amar-te,
Eu sou teu e tu és minha,
Não ha mais tir-te nem guarte.

Gentes, etc.

NÃO SE RESISTE, NAO

Emprehendeu amor vencer
O meu livre coração,
E eu que tanto resistia
Resistir não pude não.

Quem tiver forças
Terá valor
Com que resista
Ao forte amor.
Não se resiste,
Ah! não, não, não.

Resistir ao forte amor
E' uma vã presumpção,
Eu mesmo que presumia
Resistir não pude não:

Quem, etc.

Chamo a razão em soccorro,
Desampara-me a razão;

Da razão desamparado
Resistir no pude não :

Quem, etc.

Mas não me venceu amor
Co'as settas que tráz na mão ;
Mostrou-me uns olhos mui meigos...
Resistir não pude não :

Quem, etc.

Lisongeiras esperanças
Mostra amor na esquerda mão,
Com seus premios seduzidos
Resistir não pude não :

Quem, etc.

ZABUMBA

Amor ajustou com Marte
Vãos mancebos alistar,
Um lhes dá trabalho honroso,
Outro os faz rir e zombar :

Tan, tan, tan, tan, tan, zabumba...
Bella vida Militar ;
Defender a Lei e a Patria
E depois, rir e folgar.

Toca Marte a Generala,
Vae as armas aprestar ;
Amor tem prazeres doces,
Com que os males temperar :

Tan, etc.

Ouço o rufo dos tambores,
Já d'ali toca a marchar ;
Os adeuses são a pressa,
Não ha tempo de esperar :

Tan, etc.

13.

Vae passando o regimento
E as meninas a acenar;
Vão as armas perfiladas,
Mal se póde a furto olhar:

Tan, etc.

A mochila, que vae fôfa
Pouco leva que pezar;
Pouco pão e pouca roupa,
Mas saudades a fartar:

Tan, etc.

A cidade, que é de Lona,
Vejo a pressa levantar;
Põem-se as armas em sarilho,
Vae a tropa descançar:

Tan, etc.

Vigilantes sentinellas
Vejo alerta passear;
Quem vem lá! Quem vae! faç'alto,
Sempre, *alerta* ouço gritar:

Tan, etc.

Vejo alegres camaradas
Os baralhos apromptar;
Param, topam, sujo cobre
A perder, ou a ganhar:

Tan, etc.

Dá-se um beijo no borracho,
Lá vão brindes a virar ;
E co'a publica saúde
Vae tenção particular :

Tan, etc.

Vem quartilho, vae canada
Toca emfim a emborrachar ;
A cabeça bambaleia,
Ali ouço resonar :

Tan, etc.

Corre o que vigia o campo
Vem perigo annunciar ;
Peg'as armas, peg'as armas,
Dobra a marcha, e avançar :

Tan, etc.

Uma brigada em columnas
Marcha e outra a obliquar,
Os contrarios fazem cara,
Toca a morrer e a matar :

Tan, etc.

Já fuzila a artilharia,
Sinto as balas sibilar ;
Nuvens já d'espesso fumo
Vão a luz do sol turbar :

Tan, etc.

Ouço o bum, bum bum das peças,
Vejo espadas lampejar;
Lá vão pernas, lá vão braços,
Lá cabeças pelo ar:

Tan, etc.

A batalha está ganhada
Vão o campo saquear;
Vêm bandeiras arrastando,
Toca emfim a retirar:

Tan, etc.

Venha a nós, viva quem vence,
Quem morreu deixal-o estar:
E da patria no regaço
Os heróes vêm descançar:

Tan, etc.

Os que salvam da peleja
Vem a amor as graças dar;
E em signal de sua gloria
Juntam flores ao cocar:

Tan, etc.

Os olhos, que viram tristes
Vem agora consolar;
A saudade, se esvoaça,
Torna a pósse ao seu logar:

Tan, etc.

Vem familia, vem vizinhos
Boa vinda festejar ;
E da boca gloriosa
Grandes cousas escutar :

Tan, etc.

Déspe a veste, mostra o peito ;
Quer sizuras procurar ;
Mas o tempo sarou tudo,
Nem signal se póde achar :

Tan, etc .

Que affrontou sempre os perigos
Gentil dama hade escutar ;
S'estimõu guardar a vida,
E' só para lh'a entregar :

Tan, etc .

Um merecimento novo
Tem de novo a apresentar,
Vem mais rico de esperanças,
Tem despachos que esperar :

Tan, etc.

Hade ter a fita verde
De uma ordem militar ;
Soldo em dôbro por tres mezes
Que a senhora hade gastar :

Tan, etc .

Não creias, menina, nestes,
Não é certo o seu amar ;
Costumados sempre a marcha
Até amam a marchar :

Tan, etc.

OUVIR, VÊR E CALAR !

A minha cruel Nerina
Não me quer amor pagar,
Quer que eu possa assim soffrido
Ouvir e vêr e calar.

Quer só ella livremente
Com os outros conversar,
E qu'eu esteja do outro lado
A ouvir, vêr e calar.

Hade a seu sabor Nerina
Suas acções regular,
Hei de eu inda que me offenda
Ouvir e vêr e calar.

Desarresoados zelos
Hão de faze-la ralhar,
Eu ainda que rebente,
Ouvir e vêr e calar.

Ha de fugir do meu lado
Ir-se ao dos outros sentar,
E hei de ficar mui quieto,
Ouvir e vêr e calar.

Ha de pelo braço d'outrem
Ir vaidosa passear,
E eu sem dar o braço a alguma,
Ouvir e vêr e calar.

Quem me empresta soffrimento
Para a seu gosto empregar,
Já não tenho paciencia,
Ouvir e vêr e calar.

AIS DE AMOR

Amor, ai! amor, eu morro;
Eu não posso viver mais:
Vão-me consumindo a vida,
Os meus repetidos ais.

Amor, basta, basta,
Não me firas mais;
Se meus ais desejas,
Aqui tens meus ais.

A minha ingrata despreza,
Da minha dôr os signais;
Meus ais lhe dizem que eu amo,
Ella não ouve meus ais:

Amor, etc.

A minha paixão occulto
Com medo dos meus rivaes;
E solto por desafogo
Medrosos afflictos ais:

Amor, etc.

Por mais que busco em seu rosto
Da compaixão os signais ;
Nem se turba, nem se inclina
Ao triste som dos meus ais :

Amor, etc.

Olhos crueis, porém lindos,
Que os meus olhos captivais ;
Recebei o meu tributo,
O meu tributo são ais :

Amor, etc.

TA, TA, TA...

Sinto em mim varios effeitos
Ha bem pouco para cá,
E o meu coração no peito
Está fazendo ta, ta, ta.

Eu não sei o que elle sente
Que tamanhos pulo dá ;
Só sei que sempre inquieto
Está fazendo ta, ta, ta.

Meu coração escapou
D'amor ás cadeias já,
E talvez com medo d'outras
Está fazendo ta, ta, ta.

Inda de antigas feridas
Vertendo algum sangue está :
E para fugir das settas
Bate as azas, ta, ta, ta.

Sinto a força de Cupido,
E as pancadas que alli dá,
O martello do ciume
Está batendo ta, ta, ta.

Pobre do meu coração
Que amor despedaçou já,
Um pedaço, e outro pedaço
Vae cahindo ta, ta, ta.

LEILAO

Mandou-me Amor que puzesse
Em praça o meu coração ;
Venham, meninas, depressa,
Que principia o leilão.

Tenho o coração em praça
Amor me manda vender,
Arremata-o quem mais der.

Elle disse que valia
Certa somma de finezas,
Que era traste muito proprio
Para servir a bellezas.

Tenho, etc.

Lançou-lhe uns olhos Nerina,
Uns olhos que não têm preço ;
Venham outros se ha melhores,
Senão a ella o offereço.

Tenho, etc.

Não cuidem que tem Nerina
De graça o meu coração,
Dou-lh'o por seus olhos bellos,
Venham vel-os e verão.

Tenho, etc.

E' por preço de ternuras
Que o meu coração darei,
Quem mais faz mais o merece,
Já o preço estipulei.

Tenho, etc.

Eu recebo de Nerina
De ternura mil signaes,
Vou a dar-lhe o coração
Se não ha quem lance mais.

Tenho, etc.

AONDE ESTÁ O MEU BEM?

O meu coração palpita
Continuos pulos me dá;
Elle pergunta inquieto
Aonde o meu bem está:

E onde está o meu bem.

Ao depois que eu não sei della
Tambem de mim não sei já;
Vôa amor, e vae saber
Aonde o meu bem está:

E onde, etc.

O caminho que ella piza
Aspro caminho será;
Vae amor espalhar flores
Aonde o meu bem está:

E onde, etc.

O sol c'os ardentes raios
A terra alli queimará;

Vae, amor, cobrir c'os as azas,
Aonde o meu bem está :

E onde, etc.

Pelas desertas campinas
O meu bem se assustará ;
Leva esta alma destimida
Aonde o meu bem está :

E onde, etc.

De quem por ella suspira
Talvez não se lembrará ;
Leva amor os meus suspiros
Aonde o meu bem está :

E onde, etc.

A triste melancolia
Tristemente a seguirá ;
Leva, amor, doces prazeres
Aonde o meu bem está :

E onde, etc.

Que tempo estarei sem vêl-a ?
Dize, amor, quanto será ;
Traze o meu bem, ou me leva
Aonde o meu bem está :

E onde, etc.

E ENTAO ?

Alzira formosa,
Desgraça foi ver-te
O mèu coração.

Amor de render-me
Achou o motivo,
Eu já sou captivo,
Eu amo ; e então ?
Então ?

Amar moça feia
A's vezes é bom,
Se ella tem graça,
Se é rica ou do tom!

Mas se ella sem graça
Seu corpo atavia,
Se é pobre e se é tola
Em tudo annuncia.

Então é, etc.

Ao ver os seus olhos
Tão vivos e bellos,
Maior ambição
Eu tenho de vel-os.

Por mais que eu os veja
Não farto a vontade ;
Eu tenho saudade ;
Eu amo ; e então ?
Então ?

Se a outrem voltada
Tu fazes carinhos,
Ciumes damninhos
Ferindo-me estão :

Mais triste me sinto
Do que se presume .
Já tenho ciume ;
Eu amo ; e então ?
Então ?

A's vezes eu finjo
Os bens que eu mais quero
Fingindo eu espero,
Que os bens chegarão.

Vendo a tempestade
Espero a bonança ;
Já tenho esperança
Eu amo ; e então ?
Então ?

Eu sinto nesta alma
Uma cousa nova,
Não tinha inda prova
Da doce paixão.

Do que outros diziam
Eu provo a verdade,
Isto é novidade,
Eu amo : e então ?
Então ?

AMOR DO BRAZIL

O amor que é cá do reino
E' um amor caprichoso ;
O do Brazil todo é doce,
E' bem bom, é bem gostoso.

Gentes, como isto
Cá é temperado,
Que sempre o favor
Me sabe a salgado.
Nós, lá no Brazil,
A nossa ternura
A assucar nos sabe,
Tem muita doçura,
Oh! se tem! tem.
Tem um mel mui saboroso,
E' bem bom e bem gostoso.

Eu tremo se o meu bem vejo
Enfadadinho e raivoso,

14.

Mas o momento das pazes
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Um certo volver dos olhos
Inda um tanto desdenhoso,
No meio disto um suspiro,
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Um dizer-me : vá-se embora,
Com um adeus cicioso,
E um apertinho de mão,
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Um ir vêr-me da janella
Com um modo curioso,
E então assoar-se a tempo,
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Um temer, um ladrãosinho,
Que me assaltasse aleivoso,
Bater-lhe por isso o peito
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Ao moço que me acompanha
Um perguntar cuidadoso,

Um ai de desassustar-se,
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Quando triste estou em casa
A recordar-me saudoso,
Um recadinho que chega
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Um escripto em duas regras
D'um modo mui amoroso,
Um misturado de lettras,
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Vir a gente rebolindo
Ao chamado imperioso,
Ouvir-lhe *apre! inda não chega!*
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

Chegar aos pés de nhanhã,
Ouvir chamar preguiçoso,
Levar um bofetãosinho,
E' bem bom e bem gostoso.

Gentes, etc.

A TERNURA BRAZILEIRA

Não posso negar, não posso,
Não posso por mais que queira,
Que o meu coração se abraza
Da ternura brazileira.

Uma alma singella e rude
Sempre foi mais verdadeira,
A minha por isso é propria
Da ternura brazileira.

Lembra na ultima idade
A paixão lá da primeira,
Tenho nos ultimos dias
A ternura brazileira.

Vejo a carrancuda morte
Ameigar sua vizeira,
Por ver que ao matar-me estraga
A ternura brazileira.

AI SEGREDO !

Sou costumado a calar
E tanto póde o costume,
Que não me obriga a fallar
A razão nem o ciume.

Ai segredo!
Em occulto não se sabe,
Mas se o digo tenho medo.

Quando o severo respeito
A triste voz me suspende,
Outra lingua amor tem feito
Que nos olhos bem se entende.

Ai querer!
Um suave mudar d'olhos
Muita cousa quer dizer.

Tenho medo até de alçar
Olhos em certa presença,

Tenho medo dos meus olhos
Porque fallam sem licença.

Ai que medo!
Os meus olhos tem meninas,
Meninas não tem segredo.

Quando vejo a minha bella
Sinto o peito palpitar,
Manda amor, manda o respeito
Olhar eu e não olhar.

Ai segredo!
Eu se não olho não vejo,
Mas se olho tenho medo.

Tanto as leis do meu segredo
Ao desafogo prefiro,
Que nem meus suspiros sabem
A causa porqu'eu suspiro.

Ai que medo!
Tenho medo que os suspiros
Dêm a saber meu segredo.

Hei de dar de certos olhos
Uma querela por ladrões,
Que de formosura armados
Vão roubando corações.

Ai que graça!
A prisão destes culpados
Dentro em meu peito se faça.

Ai segredo!
Do que fujam tenho medo.
Quero ser seu carcereiro.

SOLDADO DE AMOR

Sou soldado, sentei praça
Na gentil tropa de amor,
Jurei as suas bandeiras,
Nunca serei desertor :

Eu sou soldado,
Eu sirvo amor ;
Jurei bandeiras,
Nunca serei desertor.

De Cupido os regimentos
Não tem zabumba, ou tambor ;
Tem um certo mover d'olhos,
Que chama muito melhor :

Eu sou, etc.

Dos amorosos perigos
Eu não tenho nunca horror ;
Tenho valor de soffrel-os,
Quanto mais, quanto melhor :

Eu sou, etc.

A franqueza d'algum chefe
Aos soldados faz temor;
Eu não tenho que temer-me;
Sirvo a um nume vencedor :

Eu sou, etc.

Emquanto amor bem me pague
Hei de servir bem amor,
Elfina seja meu soldo,
Nunca serei desertor :

Eu sou, etc.

Se do meu augusto chefe
Tenho honras e favor,
Eu devo fiel servil-o
Seja o perigo qual fôr :

Eu sou, etc.

Desertem os mais embora,
Quem tem coração traidor,
Jurei fé, cumpro os meus votos,
Nunca serei desertor :

Eu sou, etc.

A PORTUGUEZA ABRAZILEIRADA

Eu vi correndo hoje o Tejo
Vinha soberbo e vaidoso ;
Só por ter nas suas margens
O meigo lundú gostoso.

Que lindas voltas que fez!
Estendido pela praia,
Queria beijar-lhe os pés.

Se o lundú bem conhecera
Quem o havia cá dansar ;
De gosto mesmo morrera
Sem poder nunca chegar.

Tomára que visse a gente
Como nhanhã dansa aqui ;
Talvez que o seu coração
Tivessse mestre dali.

Ai companheiro!
Não será ou sim será,
O geitinho é brazileiro.

Uns olhos assim voltados
Cabeça inclinada assim,
Os passinhos assim dados
Que vêm entender com mim.

Ai affecto!
Lundú entendeu com eu,
A gente está bem quieto.

Um lavar em sêco a roupa
Um saltinho cahe não cahe;
O coração brazileiro
A seus pés cahindo vae.

Ai esperanças!
E' nas chulices di lá,
Mas é de cá nas mudanças.

Este lundú me dá vida
Quando o vejo assim dansar;
Mas temo se continúa
Que lundú me ha de matar.

Ai lembrança!
Amor me trouxe o lundú
Para metter-me na dansa.

Nhanhã faz um pé de banco
Com seus quindins, seus popôs,
Tinha lançado os seus laços
Aperta assim mais os nós.

Oh! doçura!
Os labios de nhanhã
Apertam minha ternura.

Logo que nhãnhã sahio,
Logo que nhanhã dansou,
O cravo que tinha ao peito
Envergonhado murchou.

Ai que peito!
Se quizer flôres bem novas,
Aqui tem amor perfeito.

Pois segue as dansas di lá
Os di lá deve querer;
E se tem di lá melindres,
Nunca tenha malmequer.

Ai delirio!
Ella semêa saudades
De encherto no meu martyrio

DIGA, NHANHÃ SEREI FELIZ

Nhanhã, eu digo a você
Diga-me você a mim,
Estou morrendo de amor,
Estará você assim?

Diga, nhanhã,
Serei feliz?
Eu tenho dito,
Você que diz?

A's vezes não pode a boca
Tudo o qu'eu sinto dizer;
Ponho o coração nos olhos,
Póde alli nhanhã vir ver.

Diga, etc.

Ponha a mão sobre o meu peito,
Porque as duvidas dissipe;
Sentirá meu coração
Como bate tipe, tipe.

Diga, etc.

15.

Não cuide, nhanhã não cuide,
Qu'elle seja pequeninho,
E' mui grande, mas por medo
Bate assim de vagarinho.

Diga, etc.

Se você quer animal-o,
Verá que bate mais forte ;
Qu'em você o consolando
Hade bater d'outra sorte.

Diga, etc.

O BICHO MULHER

Quem quizer ter seu descanço,
Quem socego quizer ter,
Na densa matta do mundo
Fuja do bicho mulher.

Roe por dentro
Bem como a traça,
E' quem motiva
Nossa desgraça,
Aquella menina
Que tem mais graça,
E' essa quem causa
Maior desgraça

Não temo leões nem tigres,
Nem já os devo temer,
Depois de haver escapado
Ao lindo bicho mulher.

Roe, etc.

Ouço sibilar serpentes
E não me fazem tremer,
Assusta-me o ruge ruge
Do lindo bicho mulher.

Roe, etc.

Dizem que o cocrodilo
A's vezes finge gemer,
Para matar assim finge
O lindo bicho mulher.

Roe, etc.

Sinto dentro do meu peito
Não sei que cousa morder,
Dizem que isto é mordedura
Do lindo bicho mulher.

Roe, etc.

Mas morder-me sem chegar-me
Isso não, não póde ser,
Ai de mim! morde c'o a vista
O lindo bicho mulher.

Roe, etc.

Lanço ao ar as carapuças
Dêm na cabeça a quem der,
O que digo é fujam todos
Do lindo bicho mulher.

Roe, etc.

NAO SOU DE ENGANAR NINGUEM

Quem quizer saber se eu amo
Repare em meus olhos bem :
Elles dizem quanto sinto,
Não sou de enganar ninguem.

Estes meus olhos declaram
Tudo quanto esta alma tem,
Inda bem que elles o dizem,
Não sou de enganar ninguem.

Não me canso com disfarces,
Diga *amor* se quero bem,
Seja acceito ou não acceito,
Não sou de enganar ninguem.

Eu me alegro com carinhos,
Eu m'enfado com desdem,
Mostro enfado, mostro gosto,
Não sou de enganar ninguem.

Sei que terno fingimento
A muito amante convém,
Mas não sei fingir paixões,
Não sou de enganar ninguem.

A minha gentil Nerina
Gosto della, é o meu bem,
Não posso gostar das outras,
Não sou de enganar ninguem.

Se a minha adorada ingrata
Der signaes de amar alguem,
Eu não quero amores d'outrem,
Não sou de enganar ninguem.

SÓ VOCÊ É O MEU BEM !

Menina, minha menina,
Que tanta gracinha tem,
Deixa lá fallar quem falla,
Só você é o meu bem.

Todos vêm o meu amor
Todos minha paixão vêm,
Nem é preciso que o diga,
Só você é o meu bem.

Se a phrase do coração
Você já conhece bem,
Ouça que diz palpitando :
Só você é o meu bem.

Regale-se o rico avaro
C'os immensos bens que tem,
Eu outros bens não desejo,
Só você é o meu bem.

Creia-me, minha menina,
Deixe as suspeitas que tem,

E se é preciso eu lho juro :
Só você é o meu bem.

Ponha a mão sobre esta minha,
Jure o que eu jurar tambem,
Eu por mim juro mil vezes
Só você é o meu bem.

Quem tem uns olhos tão lindos?
Tão linda boca quem tem?
Se você tem taes bellezas,
Só você é o meu bem.

Nada me importam as graças
Que as outras meninas tem,
As outras são bens dos outros
Só você é o meu bem.

Aîrminda, escute um segredo,
Que não nos ouça ninguem :
Com as outras tudo é brinco,
Só você é o meu bem.

AQUI ESTÁ, QUE TODO É TEU

Meu bem, o meu nascimento
Não foi como elle nasceu;
Qu'eu nasci com coração,
Aqui'stá que todo é teu.

Apenas a minha vista
De ti noticia lhe deu,
Logo elle quiz pertencer-te,
Aqui'stá que todo é teu.

Bebendo a luz dos teus olhos
Nella um veneno bebeu;
E' veneno que captiva,
Aqui'stá que todo é teu.

Elle em signal do seu gosto
Pulou no peito e bateu;
Vem vêl-o como palpita,
Aqui'stá que todo é teu.

Para ser teu, nhãnhãsinha,
Não deixa nada de meu,
Té o proprio coração
Aquï'stá que todo é teu.

Se não tens mais quem te sirva,
O teu moleque sou eu;
Chegadinho do Brazil,
Aquï'stá que todo é teu.

Eu era da natureza,
Ella o amor me vendeu;
Foi para dar-te um escravo,
Aquï'stá que todo é teu.

Quando amor me viu rendido
Logo o coração te deu;
Disse, menina, recebe,
Aquï'stá que todo é teu.

Unidos os corações
Deve andar o meu c'o teu;
Dá-me o teu, o meu 'stá prompto
Aquï'stá que todo é teu.

APANHE PARA SEU ENSINO

Tenho ainda um coração
Qual já não devêra ter ;
Pois não querendo o que eu quero
Quer só tudo o que elle quer.

Hei-de castigal-o ;
Ha de lhe doer ;
Dar-lhe-hei pancadas
Para aprender.

Apenas vê lindos rostos
Logo se lhe vae render ;
Não quer o que a razão manda ;
Quer só tudo o que elle quer.

Hei-de, etc

Vê as barbas do vizinho,
Do ciume em fogo arder ;
As suas não põem de molho ;
Quer só tudo o que elle quer.

Hei-de, etc.

Não quer, quando é necessario,
Occultar o seu prazer ;
Diz nos olhos quanto sente,
Quer só tudo o que elle quer.

Hei-de, etc.

Digo ás vezes que não ame,
Que não ha de amado ser ;
O teimoso não me escuta,
Quer só tudo o que elle quer.

Hei-de, etc.

Se é preciso contentar-se
Com metade do prazer,
Não o contentam metades,
Quer só tudo o que elle quer.

Hei-de, etc.

Ha mil destes corações,
Diga o mundo o que disser ;
Quem ama não quer conselhos ;
Quer só tudo o que elle quer.

Hei-de, etc.

NINGUEM TENHA DÓ DE MIM

Todo o mundo está pasmado
De me ver andar assim,
Ando cumprindo o meu fado,
Ninguem tenha dó de mim.

Estou prezo e mui bem prezo,
Amor foi o meu malsim ;
Mas, prisões d'amor são doces,
Ninguem tenha dó de mim.

Já não tenho a liberdade
Que rendel-a a amor eu vim,
Sou captivo por meu gosto,
Ninguem tenha dó de mim.

Todos chamam mal d'amor
Mal perverso, mal ruim,
Eu padeço sem queixar-me,
Ninguem tenha dó de mim.

Eu adoro a uma ingrata
Não ha genio mais ruim,
Assim mesmo gosto della,
Ninguem tenha dó de mim.

Tenho dito não importa
Que o meu bem me trate assim,
Que esta vida toda é della,
Ninguem tenha dó de mim.

Eu bem sinto a minha vida
Quasi posta já no fim;
Mas morrer d'amor me alegra,
Ninguem tenha dó de mim.

E BEM FEITO! TORNE A AMAR...

Se dos males qu'eu padeço
Aos outros me vou queixar ;
Todos rindo me respondem
E' bem feito, torne a amar.

Com meu proprio coração
Tenho razão de ralhar ;
Quiz amar sendo infeliz,
E' bem feito, torne a amar.

Suas antigas desgraças
Como pódem não lembrar?
Se em outra é sua culpa,
E' bem feito, torne a amar.

Devia fugir das bellas
E de onde as pudesse achar ;
Foi metter-se no perigo,
E' bem feito, torne a amar.

Foi fiar-se em olhos lindos,
Que ha em olhos que fiar?
Será outra vez captivo,
E' bem feito, torne a amar.

Elle estava em seu socego
Quiz-se mesmo inquietar
Assim o quiz assim o tenha,
E' bem feito, torne a amar.

Bem sabia que o amor custa
E quanto o faz suspirar;
Soffra, padeça, suspire,
E' bem feito, torne a amar.

Bem sabe que é do seu fado
O padecer, e calar;
Mudamente vá soffrendo,
E' bem feito, torne a amar.

Sua antiga liberdade
Já lhe ha de em vão lembrar;
Tem uns ferros que o seguram,
E' bem feito, torne a amar.

Dos que vi inda estar presos
Eu o vi livre zombar;
Zombam delle agora os outros,
E' bem feito, torne a amar.

Jactava-se mui vaidoso
De poder grilhões quebrar.

Soffra agora grilhões novos,
E' bem feito, torne a amar.

Não sabia que o menino
Nunca lh'esquece o vingar;
Supporte a sua vingança,
E' bem feito torne a amar.

MEU BEM ESTÁ MAL COM EU

Quem terá de mim piedade,
Eu peço soccorro ao céo;
Que para todo me ir mal
Meu bem está mal com eu.

Não é preciso que o digam,
Eu bem vejo o rosto seu;
Todo o carinho é disfarce,
Meu bem está mal com eu.

Logo que hoje entrei a vel-a
O coração me bateu;
Palpitando me dizia:
Meu bem está mal com eu.

Como foi esta mudança?
Isto como succedeu?
Só para estar bem com outro
Meu bem está mal com eu.

Ai de mim, que triste vida
Que cruel fado é o meu!
Que mesmo assim não sei como
Meu bem está mal com eu.

Que suspeitou o meu bem?
O meu bem o qu'entendeu?
Eu não sei porque motivo
Meu bem está mal com eu.

Eu não me soffro a mim mesmo,
Minha paz ja se perdeu;
Não posso estar bem comigo,
Meu bem está mal com eu.

A sua vista algum dia
Ternuras me prometteu;
Agora não me diz nada,
Meu bem está mal com eu.

A alegria que me dava
A outro feliz a deu;
Já se tem mudado a scena,
Meu bem está mal com eu.

Quem me vir chorar afflicto
Não cuide que alguem me deu;
E' amor que me castiga,
Meu bem está mal com eu.

A B C DE AMOR

Uma menina
Quer, que eu lhe dé
Lições de amor
Por A, B, C.

A. — amante
— Não ardilosa :
B. — Benigna,
— Não boliçosa :
C. — Constante.
— Não curiosa.
— Tome, menina,
— Lição gostosa.

Uma, etc.

D. — Delicada,
— Não desdenhosa :
E. — Engraçada,
— Não enganosa :

F. — Fiel,
— Não furiosa.
— Tome, menina,
— Lição gostosa.

Uma, etc.

G. — He galante,
— Mas não gulosa :
I. — E' ser justa,
— Não invejosa ;
L. — Leal,
— Não lacrimosa.
— Tome, menina,
- Lição gostosa.

Uma, etc.

M. — E' ser meiga,
— Não mentirosa :
N. — Andar nedia,
— Não nojosa :
O. — Obediente,
— Nunca orgulhosa.
— Tome, menina,
— Lição gostosa.

Uma, etc.

P. — E' prudente,
— Não preguiçosa :
Q. — E' quieta,
— Nada queixosa :

R. — E' rival
— Não rigorosa.
— Tome, menina,
— Lição gostosa.

Uma, etc.

S. — E' sincera,
— Não suspeitosa :
T. — E' ser terna
— Nunca teimosa :
V. — Verdadeira.
— Nada vaidosa.
— Tome, menina,
— Lição gostosa .

Uma, etc.

X. — Xocarreira,
— Pouco xorosa :
Z. — Zombadeira
— Pouco zelosa.
— Tome, menina,
— Lição gostosa.

Uma, etc.

Depois das lettras
Bem decorar,
Quer, que eu lh'ensine
A soletrar?
Tome sentido,
Vá de vagar :

A, m, a, r,
Soletre — *amar*.

Quero ensinal-a
Tim por tim tim ;
E lições dar-lhe
Até ao fim :
Olhe, menina,
Bem para mim,
S, i, m,
Diga-me — *sim*.

Mas se lhe falla
Um maganão ;
Então é outra
Nova lição :
A mão levante
Dê bofetão!
N, ã, o,
Diga-lhe — *não*.

QUEIXAS A AMOR

Venho, amor, de ti queixar-me,
Ouve que eu tenho razão ,
Principio por mostrar-te
Qual eu tenho o coração.

Isto, amor, não é bem feito,
Não, não é bem feito, não.

As doçuras promettidas
Esperei, traidor, em vão ;
Dize, se acaso estes golpes
As tuas doçuras são ?

Isto, etc.

Minha doce liberdade
Puzeste em alheia mão ;
E a preço de vãs promessas,
Captivaste o coração :

Isto, etc.

Onde estão os teus prazeres?
Dize, cruel, onde estão?
Sobre ciumes, saudades;
Estes vem, quando essas vão:

Isto, etc.

De prazeres assaltado
Não tenho socego, não;
E apenas vêm, logo foge
A escaça consolação:

Isto, etc.

Fazes da cruel Ulina
Travêssa repartição;
Eu tenho as doces promessas:
Outro goza o coração:

Isto, etc.

Eu tão preso, ella tão solta;
Ouve a minha petição:
Eu me uno mais a Ulina,
Ou me quebra este grilhão:

Isto, etc.

INDICE

TERCEIRA PARTE

LUNDÚS E MODINHAS

Paris. — Typ. H. Garnier, 6, rue des Saints-Pères. 322.5.1901.